

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LITERATURA BRASILEIRA - TEORIA LITERÁRIA.

AMARU: RIO SEM MARGENS .

- TEMAS E TEIMAS DO OESTE CATARINENSE -

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SANTA CATARINA PARA A
OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
LITERATURA BRASILEIRA

NELCI ANDRADO MITTMANN

FLORIANÓPOLIS

NOVEMBRO/1991

AMARU: RIO SEM MARGENS - Temas e Teimas do Oeste
Catarinense.

Nelci Andrado Mittmann

ESTA DISSERTAÇÃO FOI JULGADA ADEQUADA PARA OBTENÇÃO DO
TÍTULO DE

MESTRE EM LETRAS

ESPECIALIDADE LITERATURA BRASILEIRA - E APROVADA EM
SUA FORMA FINAL PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO.




Prof. Dr. Celestino Sachet
ORIENTADOR

Profª. Rita de Cássia Barrosa
Coord. do Curso de Pós-Graduação em
Letras

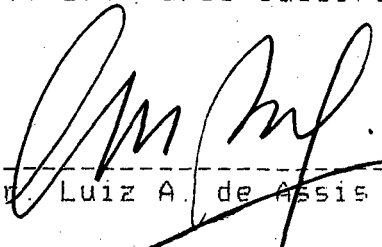
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Celestino Sachet



Prof. Dr. Mário Guidarini



Prof. Dr. Luiz A. de Assis Brasil

À tribo:

Claudete

Josane

Robinson

Michel

Maryualê.

Aos mestres e amigos:

Sem os quais,
este texto
não seria realidade.

RESUMO

Por não caber neste tópico o resumo do romance em si, de vez que o procedimento poderia perturbar o espírito do texto ficcional, é apresentado neste espaço um rápido olhar sobre as intenções e dos procedimentos que levaram o autor à realização do romance "AMARU: RIO SEM MARGENS - Temas e Teimas do Oeste Catarinense".

Num primeiro momento, através de pesquisas bibliográficas e investigação de campo, pretendeu-se inventariar dados culturais das raízes étnicas que colonizaram o Oeste do Estado de Santa Catarina, especialmente a italiana e alemã, migrantes do Rio Grande do Sul. Num segundo momento, estes elementos constituídos de acontecimentos, costumes, religiosidades e cenários, entre outros, foram transformados em estruturas estético-literárias. Os pressupostos teóricos que compõe o texto são alimentados pela temática das barragens do Rio Uruguai através do mítico.

Assim comprova-se a hipótese da possibilidade de uma criação literária, a partir do levantamento cultural da população oestina, e presume-se ter alcançado o objetivo de sua incorporação à Literatura Catarinense.

RESUMEN

Hacer un resumen de la novela que sigue arriesgase quebrantar el espíritu y la dinámica de un texto ficcional. Por lo tanto, se presenta en esta página tan solo una síntesis de las intenciones y de los métodos que posibilitaram escribir "AMARU: RIO SIN MARGENES - Temas y Porfias del Oeste Catarinense".

En un primer momento, por medio de lecturas bibliográficas e investigaciones de la Historia y de la Geografía de la region ubicada en el Extremo Oeste de Santa Catarina se pretendió alcanzar un conocimiento más o menos amplio de los datos culturales y de hechos de las raíces étnicas que colonizaram el ambiente humano de la novela, en especial las culturas italiana y alemana llegadas del vecino estado de Rio Grande do Sul.

Estos datos servieron de base para la realización temática de la novela y su estructuración estética-literaria, movido el ritmo del "contar" por la llegada de las esclusas del Rio Uruguay vistas y sentidas por el ángulo de la Historia y, sobretudo, por la creencia del mito.

SUMÁRIO

Resumo.....	v
Resumen.....	vi

- I -

AMARU: RIO SEM MARGENS

O romance.....	1
----------------	---

- II -

Por que e como foi construído o romance.....	107
Bibliografia.....	111

"Deus, no princípio do mundo, deu para cada coisa seu caminho; menos pra água. A água não precisa de caminho; ela mesmo escolhe o seu."

(Guido Wilmar Sassi)

"Esta terra é assim,

Sedutora curvelínea,

Rebentando em brotos,

Ventre fecundo parindo vida,

Mítica e selvagem."

- I -

" Vocês não fazem o que eu faço. Dou um mergulho no rio e trago uma pedra em minhas mãos", - dizia aos atadores de madeira das penúltimas levas de balsas. Quando percebia aglomeração de estranhos na barranca do rio, dava evasão ao assanhado. Feito martin-pescador, furava o claro das águas em época de estiagem. Um lambari de ágil.

Ao atonar abria a mão e exibia uma pequena pedra solapada do fundo. Os desconhecidos riam das peraltices. Os xingamentos, daqueles que não conheciam e não entendiam os malabarismos da infância, não passavam do sentido de fazer dó. Os homens das balsas e frequentadores do porto desligavam o trivial. Conselhos avisados dos balseiros não resultaram em nada. A água era tentação, desatino.

Naquele dia mormacento desde o alvorecer, nuvens cor de chumbo se avolumavam formando carrocéis. O tempo noticiado pela Rádio Guaíba previa chuvas próximas e demoradas. Urgia terminar o remolque. Afoitos à luta se descuidaram de vigiar o piá. Um cedro solto rolou barranco abaixo prensando-lhe as mãos contra outros que boiavam. Uma mancha vermelha tingiu as ondas provocadas pela queda da tora. Na confusão me deram o corpo, mistura de lodo e sangue. Carreguei o desfalecido pela ribanceira. A mulher do seu Fischmann acudiu com um lençol. Por sorte havia um reboque

descarregado e no hospital de pronto o Doutor Knorr tratou do atendimento.

O rio ainda não voltara à caixa, corria barrento.

Faltava muito para o meio-dia, mas o bar do Fischmann já acolhia os de costume. Alguns aguardavam a volta de balseiros retardatários, por certo, amasiados com as mulheres de Santa Fé, esbanjando o ganho. Eu disfarçava a manhã nas conversas. Desolhando o jogo na mesa, pela janela, vi o menino reaparecer, tristonho, desolado, chutando cavacos de madeira, com as mãos enfiadas nos bolsos. Se acocorou cabisbaixo no cepo de cedro. Acudi no ensejo de boas vindas:

- Buenos dias. Como tem passado?

- Ainda dói a falta dos perdidos. Semana que vem, tiro o resto de panos e mergulho de novo, o senhor vai vê.

Ele fitava as águas turvas tentando descobrir nas profundezas do desconhecido quais peixes haviam comido seus dedos. Após um silêncio comprido me perguntou devagar:

- Sebastião do Araçá, é verdade que tem cobra de duas cabeças?

Disfarcei a gargalhada em pigarro e num ato contínuo de consolo, para não desalmar o menino, divaguei:

- Olha, desde guri, tenho andado por esses ermos. Avistei o visto e o não visto. Vi cobra de todo tamanho. Matei deveras! Acho que já falei da cascavel, daquele couro esticado na parede da varanda!... Pois é, agora cobra de duas cabeças... eu mesmo nunca vi. Mas ouvi falar de coisa muito pior: víbora de sete cabeças.

- Víbora?!... - indagou assustado.

- É... mesma coisa que cobra - continuei. - Então, se existe

cobra com sete cabeças, por que não há de ter com duas? - brinquei fazendo gestos, me esquivando, com o propósito de melhorar o humor dele. - Se com uma cabeça essas rastejantes causam calafrio na espinha, imagine com duas ou sete!...

Percebi que o Menino de Sete Dedos, apelido que as enfermeiras lhe deram, sorriu disfarçado e como se duvidasse do meu relato atacou sério:

- é mas tem.

- Bem, - remói - neste mundo tem de tudo!... Tem verdades, mentiras, sonhos, visões... .

Tinguara levantou-se para poder ver melhor a barca atracar no porto e observou:

- Mais uma mudança. Aposto que vão pro Paranã.

Pela primeira vez rira zombeteiro depois do sucedido. Gargalhei a médio tom e falei:

- É muito engraçado. Quando as mudanças passam e a gente pergunta pelo destino, os homens enchem o peito e com voz grossa respondem: "Nóis vai pro Paranã". E lá se vão em busca da terra prometida nos folhetos de propaganda das companhias colonizadoras, como aconteceu aqui. Quando, porventura, surge um cipó no meio da picada se alinham de volta. Então a gente pergunta: "De onde vêm, tchê?" Com vozinha fraca, bem miudinha, acanhada, mal respondem: "Do Paraná".

Bobeira que brota dentro da gente. Não achei mais graça da brincadeira. Vício atoa de mexer com o destino de vida alheia. Costume que se tem de bulir com os mais fracos de persistência!... Observei que Tinguara não estava para o riso. Trazia em seu íntimo a curiosidade de saber coisas e revelar incertezas. Atalhou quebrando minha penitência:

- Sebastião do Araçá, - maneira de me chamar sempre pelo

nome completo - é verdade que cobra mama em mulher?

Meneei a cabeça sem que o menino percebesse. Por um momento, inquiri-me sobre o que estaria acontecendo com o buscador de pedras no fundo do rio. Nunca, até aquele dia, apesar da amizade despreocupada que nos anelava, havia ele falado certos assuntos. Futilidades, certamente, do convívio dele. Pudera!... Criado sem pai no paiol dos Mouras. Gente de boa índole, meio arredia, feito banana verde no coração do cacho depois da geada. A mãe, uma índia, ocultando a procedência. Jamais falara acerca do marido. Aparecera grávida em Cascalho na metade do século e se acantonara ali. De muitos bons préstimos, parteira de respeito, mas de falar metades. Tingura percebendo a minha ausência, me convocou:

- O senhor não me respondeu.

- Estava matutando os esquisitos. - a frase saiu feita. - Ora, eu mesmo nunca vi, mas ouvi falar que uma tal de cutiara mama em vaca, quer dizer então que...

- Minha mãe tem razão. - completou.

- Sua mãe por quê? - indaguei curioso.

- Ela quem falou... Ah!... garanti que o senhor não sabe de uma coisa.

Nem esperou o meu quem sabe, foi direto:

- O senhor não sabe por que sou franzino assim.

- Deve ser de tanto nadar. Água demais tira a força do corpo. Eu penso que é por isso, só pode. Você vive mais na água do que no seco. - respondi.

- Êh!... apinchou longe!... Minha mãe disse que foi por causa de uma cobra. Quando eu era pequeno, enquanto ela dormia, uma cobra mamava todo o leite dela. Seu Moura também disse que viu uma cobra vagando num caibro do paiol. Era grande!... Ele não

pôde ver direito porque estava no lusco-fusco. Parece que tinha duas cabeças. Ele correu pegar a espingarda, mas quando voltou ela tinha sumido. Pode perguntar pro seu Moura que ele conta.

Confirmei com a cabeça, pois prendia nos lábios a palha, enquanto na concha da mão depositava o fumo amarelo picado com a britola, presente do seu Percilio Buzatti. Um "é!..." longo, sussurrado por Tinguara simbolizava mais uma confissão dos vividos do que uma afirmação; um remoer-se por dentro.

- O senhor tem nome bonito! Sebastião do Aracá. Fala bonito, toca gaita, canta e declama versos. Todo mundo pára para ouvir seu toque. Como é que o senhor consegue guardar tudo na cabeça? O senhor lembra daquela noite do filó na casa do seu Moura, quando declamou aqueles versos do crime de Amaru? Eu acho que lembro de um pedaço:

"Pobres moços coitados
Não lhes deram oportunidade
Deixando mulher sem arrimo
E filhos na orfandade."

Declamou com certo estilo e prosseguiu:

- A história é bem triste, mas eu gostei. Todos aplaudiram. Mas... depois, quando a gente foi dormir, minha mãe olhou uns retratos que ela tem guardado na gaveta do baú e muito chorou. Eu quis olhar, mas ela não deixou. Disse que eu era muito pequeno. Eu queria aprender a tocar gaita, mas agora?... Ah!... ouvi o seu Moura dizendo pra minha mãe que agora eu não vou mais servir o exército. Por quê? O senhor sabe?

Após muitas pitadas e batidas de cinzas, o palheiro se consumira. Para tantas perguntas ao mesmo tempo, as respostas brotavam sonolentas. Falei devagar, pausando tudo:

- É... a memória!... Às vezes, o retido retorna; outras,

some como fumaça de coivara, se apaga ao sopro do vento. Algumas lembranças carreteam homens, outras carreteam almas. Por vezes... implodem as formigas carpideiras no favo do mel.

Ia continuar, falar da vida dos homens, mas chegaram os curiosos. Então, ajeitando o chapéu na cabeça, ainda falei:

- Nem todo toque de gaita alegre a alma e sem indicador não se pode apertar o gatilho. Tinguara, qualquer dia a gente continua.

"Quando voltou era ainda noite
e era meio dia, porque a luz
estava toda na sua janela..."

- II -

Não sei o porquê. Talvez, por apego e confiança, o Doutor Carlos me ensinou os diversos sentidos da vida. Aprendi na convivência o emprego das operações. Na contabilidade da vida nem tudo se soma, nem tudo se multiplica. O viver depende dos cálculos. Ele queria que eu aprendesse alemão. Justificava:

- "Homem que sabe duas línguas vale por dois" - falava em latim, em alemão e depois traduzia.

No princípio do aprendizado, eu me angustiava, pois se assim fosse, eu seria meio homem. Todavia, percebi que não se tratava de humilhação e aos poucos mudei a forma de pensar. Com o tempo aprendi as notas musicais e algumas canções alemãs.

Apesar do entendimento que tinha dos negócios de terras, eu mastigava algumas dúvidas. As terras eram demarcadas, localizadas nos mapas, de direito e de fato. No momento das vendas surgia a divisão. Os colonos, alemães-católicos, eram encaminhados para Pedra Vermelha e Porto Novo; os alemães-evangélicos para Humaitá, os italianos, todos católicos, para São Gotardo. Uma verdadeira separação de raças e crenças.

Um dia, estando a sós no escritório, envolvidos com mapas e contratos de vendas, perguntei ao engenheiro o porquê de ser assim. Respondeu-me que era com o intuito da colônia prosperar unida enquanto pequena, pois desta forma evitaria diversos conflitos.

- A mistura virá com o tempo - disse, deixando transparecer otimismo.

Com o passar dos tempos entendi o significado. Parece que ele tinha razão. Cada qual trabalhava seus costumes. Mesmo assim, na época, quedei-me confuso. Não entendia porque Amaru, mistura de raças e procedências, prosperava mais rápido do que Cascalho.

Uma vez me disse:

- Sebas, uma colônia para progredir e, num futuro próximo, transformar-se em cidade, depende do trabalho e interesse da comunidade e da localização. Cascalho tem futuro!... - ele se orgulhava ao pronunciar.

Tempos de guerra!

Ainda hoje me envergonho do dia em que dei graças por nascido caboclo. Hoje sei que cor é ilusão, camaleão que não se vê.

Durante a perseguição causava náuseas ver o que faziam com os estrangeiros. Não podiam falar a língua deles, nem mesmo à noite dentro de suas casas, por causa dos espiões. O pior, aqui em Cascalho, era o Lara. Ele se escondia, até em baixo das casas para escutar. Se alguém falasse alemão ou italiano, denunciava. A Polícia vinha, às vezes o Exército, e prendia os pais das famílias. Primeiro, deixavam-nos numa cova coberta com um alçapão de madeira. Dois, três dias depois, um caminhão velho carregava-os para Amaru. Pelo bem da verdade, não sei, mas pessoas de mais crédito comentaram que lá havia um campo de concentração. Judiação! Eram obrigados a tomar óleo queimado com um funil enfiado goela abaixo.

Notícias da guerra não sabiam nunca. Azafanaram todos os rádios das famílias de origem. Jornal? Só quando o velho

Puhlmann, conseguia esconder algumas páginas antes da Polícia fiscalizar a entrega. Quando dava, eu embrulhava e enfiava as folhas por dentro da camisa e as levava no sigilo para os Hermann e os Buzatti. Desta forma recebiam conhecimento atrasado e ficavam gratos por minha ação.

Recordo, foi num sábado chuviscando inverno. Ao entardecer, oito ou nove alemães, pela obrigação da lei, conversavam em português arrastado na bodega do Pülger, enquanto aqueciam o corpo tomando café com graspa. Chegou o Johannes Hermann, finado, que Deus o tenha, e relatou o andamento da guerra. Coitado! O Lara que se encontrava enrustido num canto saiu liso.

Na delegacia queriam que ele contasse de onde provinha a informação. Desconfiaram que ele tivesse um rádio. Só podia, pelo preciso do relato.

O Delegado e os Soldados reviraram toda casa. Até na roça andaram chafurdando, mas não encontraram bulufas.

Quando a guerra terminou, o Herrmann revelou o segredo e dava risadas elogiando a inteligência do filho. O rapaz enjambrara um rádio galena. Montado numa tábua, escondiam-no em baixo da pilha de milho no galpão. À noite, disfarçando descascar e debulhar milho, ouviam o noticiário da Rádio Belgrano.

Das desgraças, às vezes, surge a graça, o engraçado. Fui convidado para tocar no casamento do filho mais velho do Buzatti. Na linha São Gotardo, me lembro. Fizeram a festa no salão do Bregaldo, enfeitado com bandeirolas de papel colorido. As portas e janelas adornadas com folhas de coqueiro e laços de papel crepon. Noventa por cento dos convidados eram italianos. Até ao meio-dia conteram a língua. Depois a origem aflorou no

vinho. Eu dava o tom e eles cantavam feito coral de Igreja. "La Verginella", "Mérica-Mérica" e "Massolin di Fiori", repetiam em sequência. Em plena animação da dança e cantoria chegaram dois Soldados e intimaram os homens a parar com os cantos em italiano sob ameaça de prisão.

Foi a mesma coisa que colocar água fria em lata de breu aquecido. Os mais velhos, vermelhos de sangue, cor da uva, chegaram em cerco e explicaram os convenientes e desconvenientes do momento.

Numa demonstração de hospitalidade fizeram os dois sentar à mesa, posta com toalha branca bordada à mão pela mãe da noiva. Serviram fartura de churrasco e galinha recheada assada no forno à lenha. As moringas se revejavam. Não que obrigassem, mas exigiram no oferecimento que os Soldados provassem dos cinco tipos de vinho, preparados para a ocasião.

No final da tarde os dois começaram a ensaiar o estribilho da "Verginella".

Um deles pediu desculpas aos pais dos casantes.

Com o fuzil alçado no ombro saíram tragueados, medindo a largura da estrada, cantando:

" E ciombalarilalela, viva l'amore
E ciombalarilalela, viva l'amore
E ciombalarilalela, viva l'amore."

.....

"...Quantos homens carregam o peso
dos seus olhares mortos...
E suas pernas sem firmeza
caminham incertas sobre o chão."

-III-

Como é a corda?... Comprida, lisa, sem pedaços?... Engano! A corda é um acerto de fios. A vida também não é lisa. É cana caiana dividida em gomos. E qual deles é melhor para chupar? Os gomos curtos ao pé da sepa, brotando da terra, casca dura, doce, ou os da grimpa, onde o mole do broto pende ao azedume? É no meio da cana que os gomos são grandes e lisos. Quando espetados com a ponta da faca a casca racha, estala, sinal de amadurecimento. A delícia da doçura se concentra nos gomos do meio, mas não crescem separados.

Fui preso pela morte do Porfírio. Me levaram para Amaru, pois aqui em Cascalho não existia cadeia. Quero dizer, havia um cubículo quadrado de pranchas para curar o porre de alguns que tomavam cachaça e engoliam a razão.

Aguardando julgamento, numa noite fria, dessas de agosto, abispei o inferno: fogaréu, labaredas, fumaceira e Santo Antônio queimando no altar. Esforço inútil do povo para apagar as chamas. Apenas uma das torres restou, enfumaçada.

Não vi os presos, ouvia os comentários dos Policiais, do Delegado e de inúmeras pessoas que circulavam pela Delegacia. Um tal de Gregório, poderia ter sido, diziam. Comentavam que Libório, descontente com a situação política havia dito que a igreja não duraria uma semana, pois o vento iria por tudo abaixo.

Sobre o Gerônimo as suspeitas também recaíam. Certo, sei, lembro-me, eram quatro.

Fatos estranhos aconteceram quando prenderam os suspeitos. Às vezes me pediam, de certa forma me obrigavam a tocar gaita com a baixaria calada, e cantar sem parar uma marca atrás da outra. Ingênuo, alheio aos motivos, eu pensava que eles gostavam da minha música. Desconhecia os motivos, só bem mais tarde confirmei que o meu canto sufocava os gemidos da tortura.

Durante nove meses, aguardando julgamento refleti a vida e tomei uma decisão quanto ao casamento. Minha mãe?... Não se entristecera pela morte do Porfírio. Ela vira tanto sangue inocente luzindo nas baionetas sangrando o Contestado. Um a mais, um a menos!... Suas faces entristeceram quando fui preso, mas ao retomar à liberdade encampou o alegre. Até me falou sugerindo:

- Então que agora, Sebastião, você vai tratar de arrumar uma boa moça e se casar. Tem as filhas do Trespach, do Silveira e outras da vizinhança que te gostam muito.

Se fosse para me casar que escolhesse. Porém eu sabia que ela tinha maior queda pela Maria das Graças, morena de cabelos pretos e longos, mais ao feitio da nossa raça.

Eis que está!... Como é que eu poderia revelar o meu propósito? Pensei no desgosto que ela teria e menti. Disse ter uma namorada:

- Minha mãe, Rosa Silvestre é o nome da moça. Flor sempre florida às margens do Iracema.

Ela sorriu com a mentira, aliás, meia-verdade, pois Rosa Silvestre existia. Tivemos enlaçados amores, mas para casar desfeito. Falei apenas para ver nos olhos da minha genitora o brilho de contentamento:

- Minha mãe, quando eu casar é para viver sempre juntinho.

Eu e a Rosa Silvestre comendo no mesmo prato, tomando café na mesma xícara, abraçados na ponta da mesa vendo a filharada crescer.

Verdade, era o que imaginara quando jovem e trabalhava com o Doutor Carlos. Mas, depois de ter refletido sobre as nuances da existência, indaguei-me: para que criar filhos no perigoso do mundo?... Desde então decidi cumprir a jornada caminhando só. Com o tempo minha mãe foi se acostumando e sem mágoas pereceu.

Tudo no mundo tem sabor. Tudo tem gosto, até os gomos pequenos, porém a diferença reside no modo de ser de cada um, na forma que cada qual escolhe para degustar os fragmentos da cana.

Das mulheres, sempre dizia:

- Quando não tiver mais mulher no mundo eu me enforco.

Hoje, apenas redigo.

Mania, costume, sempre tenho a barba feita com navalha, dia-sim, dia-não, onde quer que esteja, sem espelho. Quando saio para não voltar a navalha me acompanha. Alemã legítima, trazida pelo genro do engenheiro. Em barbeiro só vou para cortar o cabelo. De modo algum permito um estranho passar a navalha no meu pescoço. Não tanto pelo medo de ser degolado, mas acho um tanto esquisito um homem ficar passando a mão no rosto do outro.

Coisas assim, aragens de clima bom. Acho que já falei. As lavouras produzindo, o rio coalhado de madeira esperando a cheia, todavia, a gente mesmo, teimando em continuar.

Desventuroso aquele ano! Cascalho miudinho, resumo de famílias povoando. Primeiro a enchente, dilúvio transbordado, depois a febre tifóide delirando, contagiando, sem médico, sem remédio. Graças foi ter o Padre Áureo recolhendo os doentes na igreja, transformada em hospital. Chá de alecrim-de-jardim, cardo-santo e mil-em-rama era o tratamento. Algumas almas se

salvando e outras dezenas perecendo. Não havia casa sem lamento. Velhos e mocos se foram, pois a maldita não perdoava. Azarada mesmo foi a família do Rietschell, apelidado de Ritel, pelo difícil da pronúncia.

Antes do trágico, três, cinco anos no máximo, chegaram em dúzia de canoas vindas do sul, subindo o rio. No porto parecia um dia de festa. O povo todo recebendo os migrantes, a maior leva de pioneiros vindos numa só vez. Foi difícil conseguir abrigo para todos no albergue. Ainda, por terra vieram alguns homens tropeando cabeças de gado, vacas leiteiras. O Ritel comandando e transportando em carretas um moinho de pedra e um descascador de arroz das colônias velhas.

Família de trabalhar duro. Não respeitavam aguaceiro nem sol quando estavam nas lides. Enquanto, ainda, ninguém sonhava, o Ritel construía sua casa de alvenaria, a primeira nas imediações da vila.

Os tijolos vinham de Amaru em carroção puchado por quatro juntas de boi. Família de louco, muitos falavam, pela dedicação ao trabalho.

No entremeio daqueles anos passaram aqui perto, em Rio dos Ladrões para ser mais preciso, a Coluna Prestes rumo ao norte e logo em seguida, nas pegadas, as Tropas do Coronel Claudino à caça dos comunistas. A última, as Tropas Legalistas acamparam com a cavalhada fraca, adoentada. Muitos animais morreram de peste desconhecida. As carcaças secando ao sol para o deleite dos urubus, teria sido a origem do tifo, deduziram, mas ninguém sabia ao certo. Mais tarde descobriram a procedência. O Nico, um balseiro, viera com a febre de Los Libres.

Naquele final de agosto, a desgraça envolveu a família do seu Ritel. A filha mais velha, moça bonita, habilidosa, sendo

velada na salinha da casa velha e ele delirando no quarto da casa nova em construção:

- Alzira!... - gritava. - Alzira!... traga a espingarda para matar aquela pintada na janela. Ligeiro que ela vai pular em mim...

- Onca nada seu Ritel!... São as flores da cortina, são as flores...

- Cuidado que ela vai te pegar!...

Alzira trouxe um chá de angélica. Tomou, acalmou-se um pouco e dormiu.

Deveria ser meia-noite. Deixamos o lampião aceso com luz baixa e fomos para a sala junto ao caixão.

Descuido de meia hora. Dona Alzira retornou ao quarto para ver como estava o sono do marido. Voltou assustada, desesperada. O homem não estava na cama. Pegamos o lampião e velas e saímos na busca chamando pelo Ritel. Reviramos a casa, o galpão, a estrebaria e nada. O desespero foi tomando conta de todos. Grito-choro de dona Alzira e dos menores.

Muito longe não poderia ter ido, pois estava fraco, couro e osso de se contar as costelas.

- O poço do cal! - alguém sugeriu.

Corremos lá, no outro lado da casa. O certo. De braços afundado. Sacrifício para retirar da cova o corpo todo branco.

Era assim, ao incerto se vivendo.

A bandidagem correndo solta, justiça se fazendo e desfazendo nestas canhadas. O rio dividia a Lei. Os foragidos eram perseguidos pela polícia até à margem. Homem que conseguisse atravessar ganhava o direito de viver no comportamento justo. Mas quem nasce com a maldade no corpo, não se sofre no direito. A tentação reencarnava e as diferenças eram acertadas com manuzeiro

de armas.

Avistei no fogo cerrado dois fugindo num caique vindo do lado de lá. Os da Lei atirando e o chumbo pororocando na água. Um tiro certo na nuca fez um dos homens mergulhar. O outro se safou. Deu à margem com um braço ferido e os ouvidos zumbindo pelas balas que passaram de raspão.

Do morto, perguntamos, com a intenção de resgatar o corpo.

- Não valia a bóia. Que o rio o carregue. - disse o salvo.

Duvidar da razão dele? Moço novo, dado ao trabalho, foi ficando, fazendo seu pé-de-meia. Não se metera mais em intrigas.

E hoje, a família do foragido? Negociantes estabelecidos. Vida feito cana aproveitando todos os pedaços. Liberdade brotada do gomo azedo.

Medo de aceitar o julgamento. Quem que julga? Homem julgando homem. A razão?... Muitos fugitivos da justiça de outros lugares, viraram Lei em Amaru. O Ulo foragido do Sudoeste fora nomeado assistente de Delegado em Amaru. Era assim: Jagunço sucumbindo na mira dos coronéis.

Hoje, quando alguém cogita em jagunço, indago:

- Jagunço é aquele que morre ou aquele que mata?

"haverá, sempre, tenho certeza,

um indicador seguro

para novos caminhos."

-IV-

Chimarrão iniciado antes do almoço. Sentados na varanda saboreando a erva de carijo, que trouxeram dos campos de Palmas. O reflexo do sol aberto batendo na água ardia os olhos. Uruguaião tranqüilo!...

Na curva da estrada a poeira levantava em direção ao castelinho. Quando despontaram do mato podemos identificar os cavaleiros. Meia dúzia de capangas do coronel Antunes Nunes, homem de posses, dono da metade das terras de pinheirais em Amaru.

Enquanto os outros, à sombra de um plátano, aguardavam farolando, um dos homens, indivíduo parrudo, subiu a escadaria castigando os degraus com riscos de espora. À distância de cinco ou sete metros estancou no pátio em posição suspeita. Sem saudação, falou grosso e cavernoso:

- Acerto de contas por parte do coronel Antunes Nunes.

As contas, às quais se referia, eram que o coronel invadia as terras dos colonos para roubar madeira: cedros, loros, grápias, canjeranas e cabriúvas. Doutor Carlos, em defesa dos direitos dos colonos, embargara tudo. Prendera até junta de bois nas picadas do mato.

Pressenti no ar fumaça de pólvora e cheiro de chifre queimado.

O colonizador ergueu-se de pronto e passou-me a cuia com

bomba de prata, bojo e bocal de ouro. Foi ao encontro do visitante caminhando lento. Uma tremura se apossou do meu corpo. Derramei a erva estragando o chimarrão recém cevado, ao ver o caboclo de arma em punho. Doutor Carlos bem perto do homem falou calmo com autoridade no sotaque:

- Me dá o revólver, por favor!

O macho titubiou antes de ceder. De posse da arma, abriu o tambor e retirou com a ponta da unha as balas, uma por uma: seis. Da palma da mão semeou-as num canteiro de amor-perfeito.

- Toma, assim fica melhor e você não vai se machucar - disse devolvendo a arma.

Com os brios ofendidos o pau-mandado quis reagir no corpo-a-corpo. O Engenheiro nem se esquivou, mirou o alvo pela aba do chapéu e desferiu um bico de bota no meio das pernas do grandalhão. Só se ouviu gemidos de um corpo rolando escada abaixo.

Acomodado na sela com a mão na virilha descambaram.

Enquanto refazia o amargo, Doutor Carlos sentado de pernas cruzadas, assistindo a poeira voltando em redemoinho me chamou:

- Sebas, - ele me tratava assim - coragem e valentia são coisas diferentes. Coragem é a confiança que se tem consigo mesmo, força interna para enfrentar as adversidades do mundo com mãos limpas, com clareza de espírito. A valentia se oculta na descoragem de enfrentar a verdade.

Única vez que ouvi o "genheiro das oropas" - como dizia minha mãe - pronunciar "descoragem".

"Pinga

pingo d'água

num alambique

de magoas".

-U-

Verdade definida: o rio verte, verba, corre, escoia, não no direto do desnível. Ao descambar das ribanceiras cava o corredor normal nos entresseios. Nos planos da terra arranja os meandros recurvados nas margens. Emperrar o fluir das águas é atar um cipó guaimbé na garganta. Qualquer ser vivente engasga, falta o fôlego. Fica um cuspe encatarrado que não se pode soltar. A natureza faz perfeito, mas os homens não entendem de definição.

Observei do passado o que não se pode somar e do presente o que não se deve diminuir. Revendo o novelo da vida, onde o homem anda sempre à cata do fio da meada: senti, solitário, na varanda, a primavera chegando sonambulenta, vêm-que-vêm; não-vêm-revêm. Frio de inverno demorado, enchente espichada, seguida de geada grossa. Os brotos das ramas de mandioca feneceram no abrigo coberto das rocas. Pensei nos agricultores que perderam a fonte do replantar. Mudos pensares!

Olhei por olhar e vi na silhueta do horizonte os ipês sobrados na encosta do morro no rumo de Irahi. Floresciam ali os amarelos e acolá os roxos.

Estava pronto pra sair, esticar as canelas até o Bar do Fischmann, dar uma espiada no costumeiro. O Fischmann?... Alemão chegado após a Primeira Guerra. Maneta, tendo o braço direito aparado no encosto do ombro. Refeito, aportara com a família e por influência do Doutor Carlos se instalou. Construiu de pedra

bruta um bar." Bar do Porto", dera o nome, porém de legítimo "Bar do Fischmann", batizamos. Da marinha alemã, se dizia. Descarto em falar das comidas preparadas pela dona Edeltraud. Os peixes preferidos eram dourado e gramatã sempre frescos, pescados com uma fiska. Esguio, minto, magro, de calção descia à margem do rio, com uma fiska pequena em forma de tridente. Antes de mergulhar prendia-a na boca e sumia!... Retornava sempre com um peixe fiskado. Nunca sacrificava os pequenos.

Contam as pessoas coerentes, que numa feita fiskara um surubi com mais de cem quilos. O peixe fiskado nadou rio acima na fuga da morte. Durante a luta, o ex-marinheiro cavalgou-o até perto de Porto Novo. Alegou que desistira da tentativa em virtude da desproporção das forças. Todavia, entre o mito e rito permanece o dito: cansamos de comer dourados com mais de quinze quilos assados no forno.

Mergulhado nos afins das idéias decidi ficar. Perdão, me embaraço. Havia sido convidado para fazer uns acordos no CTG e saborear um costelão e porco ao rolete. Festa de aniversário de um peão. Não por inimizades ou intrigas políticas. Nunca fui político ou candidato. Engano nos dois sentidos. Todo homem, ouvi do colonizador, quando singravamos rio acima, retornando de Santa Fé, é um elo político e a política um ato do cotidiano. Traduzi da vida que comum é o dia-a-dia; a virtude é o vir-a-ser e a covardia é o não-ser. Aprendi a distinguir aqueles que arquitetam o mundo daqueles que nada fazem. Considero um desperdício não ter anotado os contornos do passado e círculos do presente para precisar as cruces vindouras. Apenas assentei-me na consciência. A decisão de não ir ao aniversário do Januário consistia no comum. Não me agradava a maneira de como ele politicava as virtudes do Theobaldo. No vir-a-ser, acaso faltasse

música para o deleite dos convidados eu desataria o decidido, mas mestre Radael havia atravessado o rio pela manhã e certamente sentiria na fumaca o cheiro de carne assada. Chegaria e minha ausência não seria notada.

Satisfeito em ficar, lembrei-me do poema "Remoenda" que há tempos desejava musicá-lo, mas não havia decorado. Lembrava-me do final:

"Melar o café
deste povo sem fé
desta antiga moenda".

Campiei nas gavetas, mas não encontrei o escrito. Desisti da procura com o chiar da chaleira.

Antes de encilhar o amargo tomei mais um gole. Cachaça ruim. "Pinga Boa", boa de marca e qualidade era a dos Polacos, quando tinham o alambique nas Marombas à direita do rio. Aquela sim dava gosto. Quando a gente despejava a branca no copo, fazia coroa. Durou pouco, não que bebessem toda a pinga, como comentavam alguns. Vendiam muito com freguesia certa. Até de Amaru buscavam os barris.

O dinheiro fácil desvirtua os homens de pulso fraco. Acenados por bom preço, venderam tudo ao Theobaldo. Como a fazenda estivesse de extrema, aumentou a cerca e soltou o gado no canavial. A casa do engenho virou estrebaria e os cochos de fermentação se transformaram em cocheiras. Dava um corte amargo na saliva ver as vacas ruminando cana, se babando de guarapa e a gente ser obrigado a tomar esta coisa ardida.

Vislumbrei sobre o pé de maria-mole um bando de corvos voando em direção à fazenda. Outra rês morta de fraqueza, imaginei na hora, conclui no alvo. O momento se deduz pelos rascunhos do passado. O difícil é traduzir o amanhã.

Nas incertezas sempre me vem a definição de Tinguara:

-- Sebastião do Aracá, o futuro é um ponto em branco.

"Mas resta um espaço,

Pedaço profundo

Do ente pensante,

Que enquanto pensante

Por nada do mundo

É posto em prisão."

- VI -

"Cosi é la vita: mezza storta e mezza drita." - Seu Percílio sempre dizia quando alguma coisa, algum negócio não transcorria conforme o previsto.

Duarante a minha vivência assimilei o aprendizado. Nalguns tempos as borboletas voam refesteladas, noutros adormecem grávidas. Se eu tivesse levado a gaita alçada no ombro, os melódicos, ao certo, teriam amenizado os ânimos. Então fui da vida meio torta. Mesmo que o Porfírio estivesse na bodega dos Streech com o propósito de desafiar os balseiros de Cascalho, eu como dono da gaita, teria tido, talvez, a sorte de apaziguar o calor daqueles homens que aguardavam as chuvas com ansiedade. A discussão começou por causa do roubo de madeiras em Rio dos Ladrões. Disse por dizer, impensado:

- São todos ladrões de madeira de balsas estouradas na corredeira antes do remanso do rio das Antas.

Mal tive tempo de acotovelar o balcão, derrubando o baleiro redondo e dar de serelepe por cima de um banco comprido, estirado ao longo da parede, saltando pela janela. Quando dei por fé, estava do lado de fora procurando o livre. Ainda me lembro de ter corrigido a ofensa, mas Porfírio saiu pela porta cherengueando o ar, brigando com os gestos. Os presentes riram da cena. Mais

tarde depuseram em juízo confirmando o verdadeiro.

O Porfírio veio tipo onça acuada. Fui recuando de costas em direção à serraria, um terreno emendado. Sem poder ver o de trás, dei com o calcanhar de apoio num toco e caí de costas, esparramado no meio dos cavacos e serragem. Não fosse o rápido em me levantar teria sido espetado. A adaga fez um buraco feio na serragem, bem na marca do meu peito, se acaso tivesse ali permanecido.

Senti que o Porfírio não estava brincado com o sério da raiva. Sangue de jagunço quando esquenta queima o fio da razão. Eu, pela vivência, possuía um tino mais pensado. No aticamento da rinha gritei:

- Acerto comum! - algo de esquecer o dito e bebemorar com graspa boa, vinda do Batistello.

De nada adiantou o chamamento pacífico. Ele insistia em me matar, me cortar em pedaços. Naquele momento, fim de vida, vislumbrei meu corpo trinchado. Raciocinei nas dores das partes cortadas. Os pedaços separados ardendo no desencontro do corpo. Meu sangue fermentou ao sentir a vida diluída num tabuleiro de xadrez. Jogo sujo, o da vida. Estava o Porfírio feito peão, que era dos madeireiros de Rio dos Ladrões, disposto a matar ou morrer para defender o poder do bispo. Feito cavalo, pulando obstáculos para honrar a rainha. No final, feito um todo tolo se suicidando para salvar o rei. Valores bestas da existência perdidos numa falsa jogada. Entre o fugir de costas, quando percebi estava encurralado contra duas pilhas de madeira gradeada. Fato concreto: vi urubus rondando em círculo. Num volteio rápido puxei o revólver e alertei:

- Pára ou atiro!

A gana dele não ouviu a voz do desespero. Enfezado veio se

oitavando, se oitavando, cada vez mais perto, pois o homem era bom de destreza. Não me recordo se falei ou pensei um "deus me livre". Questão de plingue-plungue! Quando a adaga sangrou minha mão esquerda, dedilhei o gatilho. Um tiro só no olho da testa. Tombou macio na serragem. Estava pronto o resumo da discussão, causos sem assuntos. Banalidades!...

"O destino é um trapézio

Onde equilibramos

as emoções

Misteriosas ou não."

- VII -

Quando dona Catharina soube do namoro de Clara Lurdes com o Helmuth Herrmann, teve recaída de uma doença antiga e ataque de nervos. Não podia conceber que sua filha, protegida de Nossa Senhora de Lourdes desejasse se casar com um alemão luterano. Se ainda fosse alemão católico, mesmo contragosto, perdoaria a origem na afinidade da crença. Missa das seis na quarta-feira de cinzas. Enquanto o padre Atanásio proferia o ofertório, Josephina, comadre de crisma cochichou:

- Comadre, madre de dio, tenho uma coisa horrível pra contar. A nossa Clara Lurdes anda de namoro com o Helmuth. Já faz tempo. Desde a última festa de Nossa Senhora do Caravágio. Eu não tinha certeza, comadre, por isso não falei antes. Mas agora eu descobri. Ele espera ela todas às noites na saída do colégio. Namoro às escondidas, comadre!

Coitada! Dona Catharina suspirou fundo, branqueou os olhos e desmaiou. As mulheres presentes socorreram sem saber a causa do incidente. Providenciaram sal com vinagre e fizeram compressas nos pulsos e na fonte. Recobrado os sentidos desatou em choro soluçado. Aos gritos dizia repetido:

- Madre de dio, salvai-me Nossa Senhora de Lourdes...

Tomou um calmante que a irmã Aparecida buscara às pressas na canônica. Seu Percílio, que jogava três-sete no salão paroquial, foi avisado. Quiseram levá-la ao hospital, relutou,

esperneou, não quis.

Em casa o marido foi informado da desventura. Os ataques voltaram. Mandaram chamar o médico que demorou um tempo, pelo simples de estar jogando bolão no Centro Cultural. Receitou medicamentos. O médico conhecia a doença, pois estivera internada quando da gravidez da última filha. Enxaqueca de mulher se aproximando da menopausa.

Era ela quem contava se benzendo e juramentando ao lado da imagem emoldurada no quadro na sala:

- A primeira vez foi no hospital. Ela apareceu divina, toda de branco, com rosário nas mãos. Quando eu quis falar, a enfermeira vinha vindo. Então a Santa sumiu devagarinho envolvendo os pés do crucificado na parede. Eu sofria muito com a barriga crescendo, com asia e ânsia de vômitos, rezando pela minha salvação, dor de agüentação de mãe. Então, numa tarde, fui olhar as avencas que brotavam à beira da cachoeira que atravessava a estrada da nossa terra, no lado de cima. Senti uma tontura e me sentei numa pedra pra molhar o rosto com água. Vi no espelho da água o reflexo de uma imagem entre os galhos do angico e a cascata. Quando voltei as vistas para a árvore, a Santa estava lá, visível, vivinha. Ajuntei as mãos em oração de pedido, pelo meu bem e da criança. A Santa, divina, anunciou desgraças. Disse que uma vispora - dona Catharina falava assim, mas eu acho que queria dizer víbora - transformaria Cascalho num dilúvio d'água. Prometi pelas não dores do parto, mandar construir ali mesmo, ao lado da queda, uma capela de pedra e colocar sua imagem. O nome da filha seria Clara Lurdes, pois a Santa me disse que ia ser uma menina.

Pedido aceito, promessa cumprida. O marido, seu Percílio, marceneiro e escultor entalhou na gruta a imagem da Santa,

inaugurada com missa e a bênção do padre Aureo.

Padre Aureo, esse sim que era padre! Ignorando alguns pecados, poderia ser beatificado.

Num domingo, encontrei-me com ele na praça. Apertei-lhe a mão e pedi:

- Padre, o senhor me abençoa?

Sabem o que ele me respondeu depois de sentarmos num banco da praça?

- Sebastião, padre não é nenhum Deus, nem Deus nunca foi Padre; razão pela qual nenhum Padre subirá aos céus feito Elias. A bênção, todos podem pedir e todos podem concedê-la. Todavia, a essência reside na intenção do desejo e no invocar da oferenda. A vida passa e todos querem viver, mas muitos perderam o elo da magia. O viver só tem sentido com magia. Se você estiver lá, - apontou-me o rio - e deixar seu pensamento voar nas asas do martim-pescador sentirá a separação das vidas no ar, na terra e na água. A separação não significa divisão, mas a comunhão dos acordos do Universo. Devemos pescar e comer o necessário; caso inverso nós nos transformaremos em piranhas que atacam o boi mais fraco imolado à margem, abaixo da travessia. Pediu minha bênção? Viverás o bastante para relatar alguns retalhos da história.

Levantou-se, pegou minha mão e me pediu:

- A sua bênção, Sebastião do Aracá?

Fiquei sem saber o que dizer naquele instante. Tomei coragem e falei firme:

- A vida eterna, padre Aureo!

Ele me agradeceu e sumiu na peregrinação de seus passos, enquanto eu permaneci sentado, fumando embasbacado.

Quando fui jogar a chepa fora, vi o sacrilégio no encosto do banco.. O emblema "theo" gravado no concreto.

"É ali,

Que eu quero chegar,

Abraçar aquela nuvem,

Segurar um raio de sol,

Pisar na linha do horizonte..."

- VIII -

Noite tenebrosa para dormir, pesadelo!

Deitei no aconchego de um clima ameno, bom para dormitar enroscado debaixo da cobertura de penas de pato. Não tinha compromissos para desligar o sono. Pensamentos leves, com a ceroula abotoada e o espírito apaziguado, adormeci na candura do rio.

Vi a nascente, pequenos veios, regando o corpo da terra; coração pulsando, espreitando, alargando, ora correndo apressado, ora batendo lento, burburiando nos pedregulhos ao pé dos ingazeiros floridos. Água entrando e saindo da antiga ceva para piaba embaixo do pé de guabiroba. Barulhinho salutar ao ouvido para induzir a mente a imaginar a vida se alongando afetuosa, sem tentação de desvirginar o horizonte.

O biguá?... Somente durante o dia mergulha à caça, à noite se oculta sob as asas do amanhã.

Ferrei no sono antes de concluir a prece de ação de graças.

Vi surgindo sobre as águas o clarão arredondado, troca de lua. Apareceu distante um canoeiro. A claridade guiava o remador. Eternidade em varar! O sonho acompanhava o homem singrando a lentidão. Bicou o despraiado, mistura de cascalho e areião. Amarrou a canoa numa raiz de angico lavada pelas cheias. Eu pescava sentado numa pedra. Não pegava peixe nenhum. Desde

quando se pega pintado quando o luar retrata o fundo do rio?

O canoeiro começou a andar pelo despraiado.

Eu queria gritar. A voz não saía, trancada na garganta. Mama mia, o homem catava estrelas e não via o enrodilhado alcando o bote na trajetória do caminho. O meu alerta não saía! Minha angústia, o desespero tentava livrar o homem da urutu. Tocou o pé e vi a bicharra golpeá-lo. O homem saltou de lado levando a mão ao rosto. Desgraça sufocada! Eu via e ouvia tudo, até o barulho no pedregulho, mas não podia falar, nem sair dali. Parecia uma estátua empunhando um caniço.

Retirou a mão da face direita. Estava manchada, picada. E a cobra ali, em pé, quero dizer, suspensa na ponta da cauda, regulando a altura do homem. Desdigo, satanás, duas cabeças visíveis. O revólver, pensei em mandar bala, acertava, sempre fui bom na pontaria. Esfacelava o monstro, abriria a barriga com a faca e retirava o fígado para aplicar na picada, uma tentativa de salvação. O revólver ali, fazendo peso na cintura, a mão em nada obedecia.

Assombração! A cobra se retorcendo em vulto virou mulher falante:

- Assustado?... Meus beijos não matam. Eu sabia que você viria e quis lhe fazer uma surpresa. - falava refestelada, enrolando e alisando os cabelos.

Brincos, colares e pulseiras reluziam às vestes da riqueza e opulência. O homem parecia hipnotizado, não reagia, nem ao susto, nem à provação da serpente. Acredito que se eu estivesse no lugar dele, mesmo sonhando, solucionava o caso. A cobra de antes estaria estirada. Cobra atrai chumbo, só na cabeça para não estragar o couro. No caso presente, duas balas seriam gastas, pá-pã. A mulher de agora, beleza frondosa, acarinhava, e nós dois

nadando ao luar, seria o mínimo que poderia acontecer.

O pesadelo não terminava. A mulher se aproximou e enlacou o braço do homem. Vieram andando e sentaram-se num tronco de canela encajado, próximo de onde me encontrava. Pela conversa, deduzi que ela insinuava o homem a desistir de algum propósito:

- Desista dessa idéia obsecada de impedir o progresso. Você não conseguirá. Contra a força do poder do Estado e do Capital não há resistência. O poder edita as normas, resta ao povo a obediência. Um Homem só não pode construir as paredes do mundo. É impossível construir muralhas sem amarrar as pedras. É o jogo, espécie de dominó. Aliás, o mundo é edificado com pedras. Quebra-se a pedra para se fazer pedras. Moem-se as pedras para fazer o pó. Do pó da pedra se constrói a modernidade. Amaru será uma metrópole. Luxuosos edifícios tocarão os céus. Meus homens me amam. Eles me possuem, me enchem de espermas e eu os engravidado de ilusões. Talvez você não saiba, mas o dinheiro ainda detém o aroma da erva-mate, dos pinheirais, dos cedros, dos loros, dos contrabandos e das negociatas.

O homem amofinado não se manifestava. Eu ali penalizado, ardendo na ansiedade de gritar que tudo não passava de exploração.

Com meus respeitos, mas mesmo se tratando de mulher, quando alguém ataca com procedimentos mesquinhos, deve receber o tratamento adequado, na rédea e na espora.

- Os pobres - desfilava debochando - são necessários. Imagine, se não existisse essa estirpe, de que maneira as elites iriam sobreviver? Como poderiam praticar a caridade? E os políticos? Com quem barganhariam seus votos por um quilo de farinha, ou um par de sapato velho e roupas usadas arrecadadas em campanhas de donativos? E o teu povo? De um lado não mais

existe, é raça extinta. Por outro, os intelectuais, os ~~homens~~ cultos, as pessoas de bem que você defende são utópicas; quando não se fecham em si mesmos, acabam sempre servindo ao sistema. O seu objetivo não faz sentido. Reorganizar o que não mais existe! A história não faz sentido para um povo subjugado e sem memória. Vá, pense, decida! Ah!... Nunca esqueça, aos amigos aplicamos as normas da lei e aos inimigos os rigores...

Desconjuntura delirante! Com o coração arquejando, o lençol rasgado e empapado de suor, saltei aos gritos esbofeteando as paredes.

- É assim que querem?... - com a cabeça desnorteada pensei em sair guerreando.

O Piá, galo do terreiro cantou anunciando a madrugada. Um caneco de água fria da fonte desfez o pesadelo.

"Vi minha alma velando

Um buquê rosicler.

Vi minha mente sonhando

Com pinga gaita e mulher".

-IX-

Juca Ruivo soprara a idéia de se buscar o divertimento nas origens, descendências de vindas e atravessamento do rio. Fundaram, fundamos o C.T.G. Eu fiquei mais na incumbência de recolher quinquilharias dos tempos passados; preservação de costumes e culturas legadas dos pioneiros. Ainda hoje, esforço-me bisbilhotando velharias esquecidas nos sótãos e porões para ampliar o museu.

A data marcada chegando, o galpão em andamento, faltando somente o telhado e as janelas. Corria a lista para angariar donativos, contudo apesar do esforço não se chegava ao teto devido ao dinheiro escasso. Proposta que dei, uma idéia para ajudar. Sugeri que se imitasse a Guarda de Honra que os polacos faziam para recepcionar as autoridades que visitavam a vila de Descanso. Meus propósitos, não para recepcionar, mas de sair em caravana levando o livro ouro para anotar as contribuições.

Nas épocas antigas, quero dizer passadas, tive meu pingo. Montava e remontava nas picadas. De Amaru a Cascalho levavam três dias na espora. O Tinhoso, sem espora nenhuma, devorava o trecho em trinta e três horas marcadas. Ganhei até aposta em pelega casada. Depois me contentei com o pouco fazer nesta varanda sem pintura de madeira-de-lei. Se é de lei é eterna. Puro cerne de cedro de três polegadas. Quanto mais o tempo enruga por fora, mais rijo fica por dentro.

Como ia contando, em razão do sugerido me convidaram para ir na caravana. Me conseguiram por empréstimo uma égua, que no final acabei comprando, negócio da china que fiz. Ruana obedecia na voz, no freio e na espora. O relho usava como enfeite de braço, ornamento da apeiragem. Então saímos em onze, bem contados onze, sobre às ordens do Patrão Tio Quirino, batendo ferraduras no calçamento da Avenida Brasil e outras ruas que sobem e descem. Na frente dos comércios a gente apeiava. No livro os nomes de caligrafia bonita se somavam, enquanto que os registros de valores eram minguados. Na guampa, um dos cavaleiros levava aguardente, a essência do ânimo para enfrentar a poeira da estrada.

Pegamos o estradão de marcha troteada. Os carros ao encontro e passagem paravam em respeito à comitiva. Quase meio-dia e o sol ainda não havia dissipado a cerração nas baixadas e margens dos rios. De repente, a porteira. Vexame!... A singeleza dos paus rolicós dando querência à armadura de concreto. Tio Quirino se entendeu com o capataz armado de espingarda calibre doze. Nós de arma só o coldre, arranjo da indumentária.

Entramos. Descompassei a Ruana para o fim da fila. Os demais desviavam o sentido das coisas. Passo amaciado, fui cedendo distância. Na curva da escola me perderam. Um burro sarnento carcomido pelos préstimos, mal podia coçar as ancas num esteio da escola abandonada. Na angústia de ver a significação daquilo tudo, as memórias!... Tinguara aprendera ali o abecedário. Pela estrada geral, contornando o lageado Palomita, ficava perto dos Moura. Ainda não era possível se enxergar o longe por causa da neblina, porém eu sabia, conhecia aquelas terras. Antes, propriedades pequenas, cada qual com suas forças fazendo sua parte. Agora um fazendão de um dono. Desconfio que foi pelo

nervoso. Senti uma dor de barriga retorcida, daquela que costuma dar em criança quando come batata doce assada quente e toma água fria.

Atei a Ruana num pé de uvaia e me embrenhei no capoeirão. Apesar do frio batendo nas nádegas, demorei um bocado. Havia pressentindo a presença de estranho pelo relincho da Ruana. Deparei-me com um cavaleiro trajando um pala de lã feito à mão. A gente se saudou. Disse se chamar Moura.

Montei e cavalgamos emparelhados. Como ele sendo Moura, falei dos Mouras que moravam ali perto, que foram embora por causa da venda da terra. Falei, também, da mãe de Tinguara, que segundo informes, havia ido para o toldo kaingang. Confessou não haver conhecido, nem de ser parente. Alcançamos a várzea. As casas pobres dos peões da fazenda, coisa de causar engulho. Muitos deles conhecidos, antigos proprietários, agora ali a mercê da caridade do patrão. Confinamento!

No casarão encontramos uma festança. Os políticos, alguns de Cascalho, maior parte de Amaru, engravatados se misturavam com os de bombachas. Tomavam canha e chimarrão ao redor das ovelhas nas brasas. Eu e o Moura nos misturamos. Julguei pela faceirice do Quirino e do tesoureiro termos conseguido uma prenda graúda.

Ao virar da meia tarde aconteceu um pequeno desentendimento na porteira. Questão da contagem dos cavaleiros: onze que entraram, doze que saíram; onze, doze...doze, onze... Nisso os carros dos políticos vieram. Assunto lacrado, passamos em algazarra de bêbado e contentamento.

Perto da Encruzilhada, nos rumos de Humaitá havia uma ponta de mato cerrado. O Moura se achegando falou-me que precisava fazer necessidades e alcançaria a cavalariça em breve. Retardou. Quirino quis saber do acompanhante. O que sabia falei:

- Um tal de Moura.

No local da construção, a festa continuou. Comemoração do resultado da andança: o telhado e as aberturas tudo registrado no livro, compromisso assinado.

Em duas semanas de trabalho puxado, o galpão estava pronto para a festa e baile de inauguração do CTG Nova Querência.

Não se contando os normais das danças, prendas minhas e saudades, até chuleiros oriundos de diversos recantos se apresentaram no tablado.

- Balé de grosso - falaram por desdém, os mais jovens, por não terem destreza na forma do corpo; sapateado com vara.

Acontece que insistiram tanto na minha inscrição para o concurso de declamação que acabei cedendo. Apresentei o poema "Pioneiro, Potro Xucro", canto que enaltece a coragem e a fibra dos desbravadores do Oeste. Recebi o primeiro prêmio, não pelo meu desempenho, mas pela letra do poema, desconfio.

Todavia o momento mais vibrante foi a trova final. O Tito, locutor da Rádio, anunciou:

- À minha direita Juvenal, à esquerda índio Velho, com os acordes de Radael, canta o primeiro verso Juvenal.

Eu conhecia Juvenal, Todavia índio Velho, homem de porte mediano, rosto mestiço perdido entre a aba do chapéu e o barbicacho, desconhecia. Tão pouco tinha importância, pois a contenda era o que interessava. É na trova que o repentista demonstra sua arte.

Juvenal, logo após a saudação descambou na provocação:

" Do Rio Grande e me aparelho

Pra em jagunço dar de relho."

Era o estilo dele, tentava eliminar o adversário com aperriação de versos feitos. Na verdade, bom trovador de bodega,

onde os puacos pesam mais que o poetar. Trovador que poeta o verbo não escolhe circunstâncias, nem perde a elegância ante os aplausos ou apupos da plateia.

A trova seguia de meio-empate. índio Velho primava pelo conteúdo e a estética. Os retrucos, que se obrigava a dar, até então, não foram de agravo moral. Quando Juvenal tachou índio Velho de Jagunco, a trova esquentou o galpão.

índio Velho ergueu a aba do chapéu e contra atacou com rimas ricas. Por outro lado, Juvenal começou a se perder, desnosado. Ao invés de primar pelo tema proposto, entrou com o intuito de ganhar a plateia elogiando os feitos do Theobaldo. Aproveitou uma deixa terminada em "or" e cantou finalizando a estrofe:

"Na terra tem doutor".

índio Velho sorriu, eu ri.

Doutor?... Nunca passara do primário.

Aquela estrofe me encheu de vermelho. Uma gana, uma raiva, de sempre se colocar o Ter na frente do Ser, quando até no alfabeto o "S" aparece de ante-mão. Até eu que estava no neutro da torcida passei para o lado do estranho.

índio Velho entrou firme no tempo exato. Cantou uma estrofe simples com rimas pobres, mas de conteúdo dolorido, por isso guardei:

" Na terra tem um doutor
Politiqueiro de fato.
Dono da curva do rio
Comprando tudo barato.
Empregados passam fome
Tal qual, na igreja o rato."

Dotado de cultura rala, Juvenal não entendeu a ordem inversa do verso, tremeu nervoso e entrou antecipado:

" Tal qual na igreja o rato
Passa para ouvir missa.

....."

Desse momento em diante, Juvenal se perdeu nos compassos da rima e o estranho foi aclamado vencedor.

Continuando a festança, domingo pela manhã, o C.T.G. foi abençoado pelo Padre Áureo na missa campal. À noite durante o baile de encerramento houve a entrega de prêmios aos ganhadores dos concursos: tiro de laço, gineteada, dança da chula, pau-de-fita... já falei, me perco nos diversos da imensidão. Na entrega dos troféus aos trovadores chamaram o vencedor, surpresa, ele não compareceu.

Clareamos o dia no compasso das valsas, xotes e rancheiras. Empapei de suor o lenço e a camisa listada.

"Para todo o conjunto que vinha até para cem pessoas num só dia, numa mesa de vinte e cinco era comida e não churrasco. Assado de porco, assado de gado, tripa grossa e outras comidas, como saladas e todos comiam. Terminava aquela turma e entrava outra e assim continuavam os três dias".

- X -

-Sebastião, o senhor acredita no sobrenatural, coisas de profecias e maldições, por exemplo?

- Eis que está. É difícil responder sem vacilar entre o sim e o não. Não sou de ver para crer. Acho que todos guardam seus fantasmas. Então é melhor que eu fique com meus medos, respeitando os temores de cada um. Entre o sim e o não bailam dúvidas. Em algumas ocasiões, vislumbrei gente que não era gente e bicho que não era bicho. Formas duvidosas. Aparição? Dizem, não descreio que maldição, praga bem rogada pega.

Conversávamos, eu e o Helmuth, a caminho de Humaitá quando íamos à festa de kerb. Eu, apenas como padrinho convidado.

- Acontece que, às vezes, fico pensando na diferença das crenças. Nós, luteranos não cremos nessas coisas. Já, os católicos, a grande maioria, acredita em benzeduras e superstições. Minha sogra, por exemplo, não afirma convicta de ter visto a santa? Acolho a idéia dela, mas não acredito.

- Devaneios pela angústia das dores do parto. Na aflicção a mente divaga - palavras minhas.

- Mesmo assim, acontecem coisas interessantes, criadas, talvez pela imaginação das pessoas. Todavia, alguns boatos se ligam uns aos outros. Desconfio que as pessoas de maneira inconsciente repetem os fatos. Ouço contar a maldição proferida por um padre de Amaru e os termos são, até certo ponto, parecidos com a santa da minha sogra.

Gargalhadas ecoaram dos bancos de trás: santa da minha sogra!

- O senhor conhece a maldição do padre?

- Se conheço o fato? Lembro presente como se ontem fosse. Faz mais ou menos vinte anos. Antes da vinda do padre Aureo, Cascalho passou uma temporada sem padre. Vez em tempo o vigário de Amaru, um Padre alemão, aparecia. Em Pentecostes, mais de ano sem missa, a igreja estava repleta de crianças para serem batizadas, aguardando o ritual. Mas antes, surgiu o incômodo em torno do batismo de Tinguara, alegação de ser filho sem pai. Após muito falatório resolveram o assunto na concordância. Seu Moura que intercedia em favor do menino crescido de sete meses, concordou que ele fosse o último. Fenômeno natural, coisas que podem acontecer, imprevistos. A indignação das pessoas atrai desgraça. O grande círio no altar, logo acima da pia batismal, queimando por dentro o pavio da vela, fez uma cova com sebo deretido. Estava quase terminando o cerimonial, a mulher do seu Moura segurava o guri. Repentino, um pé de vento, desses que ainda são costumeiros por aqui, entrou pela janela aberta da sacristia derrubando tudo o que havia no altar. A vela caiu e despejou o sebo fervente, queimando o dorso da mão do vigário. A confusão e corre interrompeu a missa. O vento como entrara pela janela, saiu pela porta levantando poeira em redemoinho. O Padre-Vigário, após pequeno intervalo, retornou carancudo e de

maneira grosseira terminou o batismo. Acho que nem concluiu direito o nome das pessoas da Trindade. Em vez da bênção disse que Cascalho daria um passo para frente e dois para trás e que uma grande enchente iria destruir a cidade.

- Se a gente for acreditar em tudo o que dizem, ninguém trabalha mais. Fica estirado na cama, fechado dentro de casa esperando a morte - alguém da caravana da kombi comentou.

- Chegamos na hora! - anunciou Helmuth.

O culto havia terminando. O foguetório estourando e a bandinha animada, saudavam o pessoal.

- Sebastião, vamos procurar a boneca?

- Vamos que ajudo. Se eu encontrar digo que foi você.

Engraçado de ver, participar com a turma de homens ao redor da igreja, numa área delimitada campeando a dita.

O Helmuth foi por um lado e eu por outro. Questão de minutos, dado a intuição de procurar as coisas no lugar certo. No terreno havia touceiras de macega e pequenas árvores. Percebi de longe que uma moita havia sido remexida na véspera. Estiquei os passos, abri a moita com o bico do sapato. Estava ali deitada, bonita, enfeitada. Agachei-me disfarçando em arrumar o cadarço. Não queria que alguém percebesse que havia achado, pois pelas normas deveria dançar com a boneca no baile. Não queria, não por vergonha de dançar com uma garrafa de cerveja enfeitada de mulher, mas porque não possuía traje adequado. Sinalizei ao Helmuth. Ele veio pulando sobre as moitas de capim. Despistou e em pouco o grito se ouviu:

- Achei!...

Todos comemoramos.

Na casa do avô-padrinho do Helmuth a mesa farta no almoço: churrasco, cuca, chucrute, doces e cerveja.

Almoçando, avô Herrmann, ante a presença dos filhos, noras e netos retornou às lembranças:

- Quando a gente chegou aqui em Humaitá, perdido nestes distantes, a gente ficava muito tempo sem notícias dos parentes e conhecidos. Então na época do kerb a gente preparava a casa para receber as visitas. Alguns que moravam muito longe chegavam três dias antes. A gente matava um porco e galinhas. A mulher e as filhas faziam cucas e doces. Não tinha cerveja, como hoje, então, a gente fazia com ananás. A gente conversava e trocava notícias.

A fala de avô Herrmann era mais dirigida a mim e ao Helmuth, sentados ao seu lado na encruzilhada da mesa, pois os demais festejavam a alegria do reencontro, não deixando ninguém definhar no desânimo.

As mulheres trataram logo de repor a casa, enquanto os homens, menos avô Herrmann que quedara na soneca, ajudaram na ordem da varanda.

Dia de festa de kerb ninguém cochila. Contudo meu compadre Helmuth me propôs um descanso. A idade aceitou. Dormitei na cama da Shirlei, moça solteira. Falo depois. O quarto dela todo organizado e adornado com bonecas de pano.

- É o quarto da minha prima - disse o Helmuth.

O perfume de mulher despertou minha tentação de homem. Aquele quarto alemão me conduziu à família do colonizador. Meus propósitos!... No enlevo dos pensares dormitei esquecendo o sonho.

Anoitecer risonho!...

Todos jantando e se preparando para o baile. Amorteci o engasgo de uma bocada de cuca com um gole de café-com-leite quando a Shirlei apareceu no típico da saia rodada.

O Helmuth fez duas viagens para levar o pessoal ao baile.

Enquanto aguardava com os demais o retorno da primeira leva, embatuei a razão, tentando não ver na Shirlei os encantos de Rosa Silvestre.

O baile iniciou animado. O Helmuth de calças curtas e suspensórios dançando com a boneca no meio do salão rodeado pelos pares dançantes.

Em meio à animação, quando eu e Shirlei dançávamos, a música parou e o leiloeiro apregoava o arremate da rainha. Um casal a arrematou. Foram ao centro do salão e todos os casais dançaram ao redor. Os festeiros dependuraram outra boneca. Como eu não entendia muito da tradição, perguntei sobre o significado e Shirlei me disse:

- É a primeira princesa!

Após um hora de dança a música parou novamente. O leiloeiro iniciou o pregão. Ofertei uma grade. Retrucaram uma e meia. Voltei com duas. Duas e meia;... três;... três e meia;... quatro. Arrematei a primeira princesa e eu e a Shirlei dançamos no centro do salão.

No final do baile, quase clareando o dia, cada qual queria levar uma lembrança. A decoração foi aos poucos sendo leiloada. Arrematei uma fita cor-de-rosa e juntamente com a princesa dei de presente a Shirlei.

"E o céu chora chuvinha fina, tudo lágrimas
pela Joni que morreu, enquanto o povo ainda
se entreolha, duvidando se é permitido
chorar..."

- XI -

Tinguara dera de largo no mundo. A Polícia à cata dele, em virtude da greve estudantil, ocasião em que depuseram o diretor do colégio.

Falta do sutil!... Dia desses, da época, um informante inquiriu-me sobre o paradeiro de Tinguara:

- O senhor sabe onde anda o Tinguara?

- Tomou o rumo do rio. A encheente levou as últimas balsas e como dizem, deve ter levado o Tinguara.

Pergunta que se faça! Mesmo que soubesse, jamais diria.

Eu desconfiava que Cibele sabia do paradeiro do procurado, pois quando ele aprontava desconformes, ela recolhia o menino no quarto dos fundos. Safada. Iniciara o menino!...

A casa dela era um bordel disfarçado, tudo nos conformes e contornos do respeito. Manhosa no trato, ganhava o assédio dos homens nas asas das mariposas.

Alguns empresários e políticos de Amaru, quando em quando, fechavam a casa nos fim de semana. Acertando meu ganho, numa alta madrugada de segunda-feira, Cibele me perguntou:

- Sebastião, você sabe o que é uma prostituta?

Os preceitos e preconceitos engoliram minha resposta. Pudera!... Cibele, mulher bonita, grávida de cinco meses. Tentei disfarçar:

- Quem é o pai?

Ela sorriu e acariciando a barriga falou:

- Sou mulher. Escolhi o pai de quem vai nascer. Mas como você não me respondeu, digo: Prostitutas são as mulheres casadas por interesses com homens que se empanturram de álcool e fumo e dormem e roncam.

Nas palavras dela me perdôo!...

Das sacanagens do Menino de Sete Dedos, recordo uma. Cismou em ir à Pedra Vermelha a cavalo. Espreitou a ocasião. Enquanto os peões do Theobaldo se distraíram tomando trago e contando vantagens na venda abanguçada da viúva Tila, pela presença das três filhas, moças prendadas, mas sem pai para impor as normas... Era isso, gabolices que faziam. Azafanou o Zaino do capataz e priscou. Ao chegar no rio das Antas a barca não dava passagem: água crescente estourando nos barrancos. Na frente da casa de negócios dos Schukmann, que tinham uma espécie de pousada em virtude da passagem do rio, fez piruetas com o cavalo amassando barro. Atou o animal numa argola do varandão ao lado e entrou garboso, feito cavaleiro andante. O primeiro a encontrar foi um dos motoristas do Theobaldo, o Marico, retido na barca em virtude da chuvarada, inesperada, naquele início de outubro. Tinguara teve presença de espírito, pois não poderia ocultar a marca gravada na anca do animal. Um "h" cortado em "t", com a base da letra enlaçada por um "o". Faltava o "e" para formar a primeira sílaba do nome. Ninharia... Ele gostava de ser chamado Thobaldo. Tio Thobaldo, para ser mais preciso.

Tinguara, sem rodeios cumprimentou o homem e falou sério:

- Vim te trazer o cavalo.

Mais de mês zanzou pelas bandas de Pedra Vermelha e Rio dos Ladrões. Tempos depois me disse que andara até Separação.

Não posso desmentir. Era um bom menino, nunca foi

abandalhado, mas quando cismava!...

Acabaram esquecendo a proeza achavascada. Também um dia não fui humano em minha vida.

Cibele deveria saber do andarengo.

Varadas quase três dezenas de anos, Cibele continuava usada de corpo, bonita!... Era agradável conversar com ela, mas quando surgia o nome Tinguara, tratava de mudar o rumo da conversa.

Foi assim, até que apareceu na travessia do rio enchendo, estufado, desaguando corredeira, a canoa emborcada no confronto da afluência. Uruguai singrando as poucas chuvas e o Chapecó despejando cabeceiras, toró d'água desde o alvorecer. Os filhos do seu Thiller recolheram o corpo. Família boa a dos Thiller! Trataram, de imediato, em prestar ajuda.

Ninguém dos cleros quis abençoar a decida do corpo às entranhas da terra. Alegaram não ser a morta, mulher aliançada. Até a rádio se omitiu em irradiar a nota de falecimento. A Mirian, com o apoio de poucos, se arranjou como pode. Manteve firmeza de caráter. O corpo velando as velas. Os amásios se recusaram a mandar condolências. Vergonha?... Desumanidade! Não tive coragem em levar?... Depositei rosas vermelhas ao encontro do rosto da morta. Divindades tantas brotaram das flores colocadas no esquife. Alguns homens vieram no velório disfarçando a madrugada. Minha preocupação era não ter um travesseiro de penas de ganso com fronha cor-de-rosa bordada e rendada; conforto para descansar a cabeça quando se esvai. O não visto se imagina. Apalpando o coração com a mão direita suspirei:

- Linda morta! Sorrindo ao desmundo de cabeça erguida.

Sem ministro levamos a falecida. Os covardes sumiram na omissão. Dizem, não vi, por isso não relato confiante, que as mulheres do terço fizeram novena em agradecimento à morte, porque

Cibele desvirtuava os homens e lhes roubava os maridos.

Mírian não chorava nem lamentava a falta de ofício. Dúzia e meia de corpos acompanharam o cortejo. No cemitério o túmulo sem cruz, só na laje gravado: "CIBELE".

Colocaram o caixão nas ripas sobre a sepultura. Tremi na mesquinhez do meu não ser, à aceitação da vida vindoura. Rezar um Pai-Nosso, o mínimo a ser feito na despedida de nossas almas. Havia me colocado na postura da oração.

- O Padre está chegando - balbuciarão no ouvido.

E era. Vestido de Padre-monge, batina longa de mangas compridas. Não sugeriu rezas nem cantos. Sem rosários e sem cruces falou das além-venturas. Tão simplesmente disse, que retenho:

- Abelha-mestra, fecundada foste por um dos oitos zangões no vôo nupcial. Pariste a perpetuação e, hoje, delegas tua casa, transferindo as ordens da colméia à nova herdeira. Descansa em paz, já que o mel do último favo alimentará as formigas carpideiras!

Enquanto depositávamos nossas flores à terra, o padre-monge confortava a órfã.

"Passa.

uma nuvem de fumaça,

arde o Sol,

vem a chuva...

Depois, surge alguém

apanhando-o desprotegido."

- XII -

Nos primeiros tempos eu me sentia um estranho, cinquentão no seio da juventude. Pudera!... Diversos daqueles, agora colegas de classe, eu havia carregado no colo.

Tudo começou quando fizeram uma comissão para criar o curso ginásial. Era uma necessidade, pois a fazenda concluía o primário e não podia continuar o estudo. Deveriam ir para Amaru, Palmas ou outras cidades do Rio Grande do Sul. Muitos desistiam, pois os pais não tinham recursos para arcar com os custos e outros dividiam a sobrevivência com o trabalho dos filhos. A comissão fizera um levantamento dos alunos interessados, inclusive algumas pessoas de meia idade. Num belo dia chegaram aqui em casa:

- O senhor também vai ser aluno.

Sorri e relutei, não que não tivesse conhecimento razoável para enfrentar o convite, pois o livro de admissão eu havia devorado. Minha dificuldade maior era o Português. Na Matemática, sem gabolice, aprendera os cálculos com o Doutor Carlos.

Tanto insistiram que minhas alegações não encontraram eco. E lá fui eu comprar material escolar.

- O senhor também vai cursar o ginásio? - perguntou-me a moça da livraria.

- É para o Tinguara - disfarcei.

Meu receio aos poucos se dissiparam.

O incidente aconteceu, normal no confronto das idades. Uma noite, numa argüição oral eu me perdi nas conjunções e alguns alunos gracejaram. Avermelhei chateado, contudo não reclamei. Todavia, a professora comentou o fato com o diretor, professor Rheiman. Ele entrou na sala e a turma levou a pior. Clareou os pontos com uma lição de moral. A partir daquele dia nunca mais aconteceram desencontros.

Eu acho que fui útil ao colégio e aos colegas. A gente fazia muitas promoções culturais e eu como gaitero sempre participava. Cheguei até ser, digamos, uma espécie de professor de danças gaúchas. Antes de termos o CTG, a gente se apresentava nas festas do colégio e em outras localidades. Nunca esqueço da "Carteira Fatal", uma peça de teatro. Fiz o papel principal. Apresentamos a peça em diversas localidades, inclusive em Amaru. Tempos inesquecíveis de saudades!...

Se nunca aprontei?... Aprontei e me aprontaram. Uma foi no primário, no segundo ano. O professor era um alemão, falava um português truncado. Homem rígido na ordem. Quando ia castigar um aluno, prendia a cabeça do coitado entre as pernas e castigava as nádegas com uma grossa régua de madeira. Um dia, não me recordo o que fiz, me pegou. As primeiras reguadas agüentei firme. Como doía muito e não tinha saída cravei os dentes na coxa dele. Aposto que viu estrelas. Fiquei alguns dias sem ir à escola. Depois o professor e minha mãe se entenderam e eu retornei.

A maior me aprontaram. Entre a turma estava o Edson Resmeir. Uma vez eu o repreendera por não acertar os passos do pau-de-fita, ficou cismado comigo. Coisas de piá moleque. Época de inverno desde o por do sol, céu azul sem nuvens e sem vento preanunciando geada na madrugada. Todos íamos ao colégio

encapotados. O Edison levava no bolso da japona um vidro de Biotônico Fontoura. Quando em quando, no recreio ou intervalo de aulas bebericava. Alguém denunciou que o líquido era uma mistura de cachaca com jabuticaba. Um dia o diretor surpreendeu a garotada, capturou o vidro e conduziu os envolvidos à secretaria. Examinaram o conteúdo. Uma surpresa, biotônico puro. Eu desconfiava que eles estavam trapacando, mas não esperava que havia um complô para me envolver. Então, uma noite, na hora do recreio, o Edson sugeriu:

- Tome um golinho, seu Sebastião.

Feito um boboca aceitei. Ao levar o gargalo à boca senti o álcool corado com jabuticabas e melão.

A aula reiniciou. De repente a secretária chamou o Edson e mais três alunos. Antes do final do turno também fui convocado.

A secretaria estava repleta. Nove alunos, entre eles uma surpresa. Tinguara, pirralho recém cursando o admissão. No princípio até pensei tratar-se de uma reprimenda, por haveremos gazeado a aula na quarta-feira para assistir ao filme Rocha Eterna, no cinema recém inaugurado.

- Seu Sebastião, é verdade que o senhor tomou cachaca aqui no colégio?

Fiquei entre a cruz e a espada. Não sei se optei pela cruz ou pela espada, sei que respondi:

- É verdade.

O diretor sabia que no real eu estava mentindo. Uma forma, talvez de solidariedade para com a turma.

Um aluno se levantou em minha defesa:

- Senhor diretor, o Sebastião é inocente. Foi uma armação.

O Edson e, inacreditável, o Tinguara contestaram:

- Ele tomou sim.

O interrogatório foi longo. No final assinamos a sentença:
Três dias de suspensão e um termo de advertência.

"Quero ser livre
enquanto livre
for a minha consciência.
Deus me livre!

da indecência
de ser bajulador,
e de viver na dor
da subserviência."

- XIII -

De tanto desandar neste mundo sem fundo, criei meu dito. A roncadora decorou o marca-passo no afundamento dos baixos. Antes de puxar o fole, faço floreio e desboco:

- Quanto mais o baraco cresce, mais nó aparece, mas não quer dizer que aumenta a quantidade de batatas.

Ah!... a gargalhada que largo no arremedilho da introdução, não é trato de desdenho, nem de gozação aos fracos de harmonia. Me conhecem e sabem. É para liberar a emoção, pois sem sentimento a vida não tem magia.

O povo de Cascalho sempre à deriva do conhecimento. A ignorância imperando à espera do prometido nunca vindo. Se esquecia do passado e se amofinava numa esperança, engodo na boca do estômago.

Theobaldo ia conquistando os eleitores com doações caridosas. Seu cunhado, falecido, discordava da bondade. Numa noite, daquelas em que a lua não aperece de toda, mas fica vigiando entre as nuvens, espiando as burrices cá de baixo, o Gustavo falou proposital, feito candidato:

- Não se iludam. É puxa-saco de pastor e padre. O pastor abençoa a casa e a fazenda dele, porque leva de vez enquanto, o jeep cheio de galinhas e farinha de trigo. Presente dele?... Lorota!... Arrecada dos colonos em nome da Igreja, depois alega doação pessoal. Conveniência pura, descompasso da Fé.

Doou um sino à Igreja Nossa Senhora do Caravágio. Para ressaltar o doado encarou a procissão. Pés descalço no pedregulho solto, estrada patrolada na ante-véspera. Suplício de machucar os pés para pagar os pecados da alma. Os velhos se atinham cabisbaixos no quilômetro das rezas. Os namorados?... Sacrificavam penitência para fluir os amores no transcurso da madrugada. Se amassavam atrás das árvores nos roçados. Foi numa dessas que o Herrmann acompanhou Clara Lurdes e o suceder aconteceu. Theobaldo participou de tudo, menos da hóstia, por princípios da religião. Na hora da prédica, o Padre Atanásio registrou a presença e o endeusou pelo doado.

O meio-dia já havia cruzado de largo, por causa da bênção do sino. Custaram achar o badalo. Alvoroco geral. A sorte foi que descobriram a falta de manhã cedo, na chegada dos primeiros romeiros, curiosidade de coisa nova. Senão, na hora do benzimento o sino balançaria mudo. Correria de todo o que era lado, desesperamento. Ladroagem, sacanagem, superstição. Até falatório de que a Santa não aceitara o sino presenteado por um protestante. Puro boato. O Padre Áureo, sabedor das coisas, logo descartou as suposições.

Ante o procura-não-encontra, encontra-não-acha, informaram que no Hotel Avenida estava hospedado um vidente e que se prontificara a vir clarear o assunto. Muito o Padre relutou em aceitar a presença do homem. Finalmente acatou o pedido da diretoria. Buscaram o homem. Tipo misterioso. Conversava pouco.

Exigiu que se colocasse uma mesa pequena com toalha branca bordada em ponto cruz e um copo grande de vinho. Acolheram o pedido. A mesinha posta ao pé da torre, se achegou. Cabelos pretos reluzentes, lisos, caindo nos ombros. Terno de linho, sapatos, camisa e gravata. O branco completo enaltecia o semblante moreno. Fato estranho, usava luvas. Pediu ao povo que se arredasse cerca de dez metros da mesa. Fez diversos sinais incompreendidos. Tomou o vinho numa talagada. O não silêncio era a madeira ardendo na vala, braseiro para assar o churrasco. Então ele falou que precisava da presença de uma virgem. Houve um tumultuado de vozes. A de Catharina Buzatti se ouviu:

- Clara Lurdes!

Ela apareceu acanhada, trancando os dedos das mãos. Durante a espera da virgem o mago havia repartido, distribuído em diversas direcções, palitos de fósforos sobre a mesa.

Fiquei acanhado, porque durante a cerimônia confusa, sem bola de cristal, o mago, quando em quando, me fitava.

Antes porém, pedira mais um copo de vinho. Ordenou que Clara Lurdes tirasse um palito, mergulhasse no vinho e depois atirasse para trás por acima da cabeça. Feito o conforme, o homem despejou o vinho sobre o palito. Esperou, questão de segundos, uma eternidade para os fiéis e falou:

- Vinte e oito passos largos daqui - apontou a mancha vermelha no chão - na direcção certa de Cascalho e sete passos em ângulo reto à esquerda. Está lá.

O presidente da comunidade iniciou a medição com o calcanhar da bota cravado na marca. Rumou na direcção apontada. A multidão acompanhava aflita, contando os passos na ponta dos dedos. O sétimo passo recaiu num amontoado de madeira, sobra da construção. Retiraram alguns pedaços de tábuas, estava!...

Pasmaram!... As mais devotas voltaram para agradecer ao benfeitor do achado, talvez até beijar-lhe as mãos e os pés. Espanto geral, o homem de branco havia sumido. Aproveitara a atenção de todos pela procura e saíra pelos fundos da Igreja, desconfiei.

Com o estômago forrado de carne e salada de agrião, me acostei num canto com a gaita na caixa. No salão estavam os músicos contratados, mas eu sabia que os italianos de idade preferiam "La Verginella" e jogo de mora, tudo misturado em cantoria.

Nunca me assanho pra tocar. Alguns já haviam me pedido pra iniciar a música. Disfarcei num pedido de desculpas. Entre uma cerveja e outra, o Presidente, seu Marconte, conhecido de longas festanças, se aproximou invocando o pedido nas blasfêmias:

- Porca putana égua, porco dio. Tá na hora de desencaixotar a roncadora.

Uma zueira. Música no salão, leiloeiros fazendo pregão de tortas, leitão assado, galinha recheada. Alguns no jogo da mora, outros no truço e nós nos nós de um dó maior.

O sol se avermelhava cansado no ocaso e o Theobaldo, ainda zanzava de roda em roda. Nem colocara os sapatos. Tudo insinuação de demonstrar coragem em cumprir promessa. Tomava cerveja, mas não pagava nada, doara o sino, era o homenageado. Nesse momento surgiu o inconveniente. Acredito que por num gesto de bondade pelo doado, seu Marconte me pediu para fazer alguns versos de agradecimento, coisa de amizade pessoal, pois de política andava envolvido com a oposição. Fiquei em situação a descoberto. Como poderia enaltecer em versos uma pessoa que não apostava fé no verdadeiro?...

Enquanto disfarçava em limpar o suor na testa e uma espuma de cerveja escorrida de propósito no teclado, implorei proteção.

Havia até elaborado nos desencontros da situação umas estrofes de versos saudando o povo, e apenas um verso, meio-sim, meio-não, palavras sem comprometimento ao doador. Ao repor o lenço rendado no bolso da calça uma mão me tocou firme, vinda por descuido do destino, no exato: Radael. Pressenti que Theobaldo suspirara aliviado. Apresentei o gaiteiro e trovador das plagas do Irahi. Continuado, resumi a estória, alcancei-lhe a gaita, transferi o incumbido.

Fui ao banheiro. Dizer a verdade não é ofensa, deve ser contada. Mijei sentado por acomodação de consciência.

"Se digo que me iludi eu minto

Porque tudo o que pressinto

Vejo no dia de amanhã."

- XIV -

Quatro anos cravados, repassados no calendário. Theobaldo parecia estar refeito das mágoas internas, época em que lhe faltou um voto para ser eleito vereador por culpa do cunhado. O único da família deserdado por princípios: teimosia da diferença em não aceitar normas marcadas, postura de desafeto. Insistia nos contrários do poder. Nunca fora candidato, apenas trazia a política embasada na convivência com os fatos da vida.

Deserdado que falo, não no todo, mas na última meada do carretel. Recebera sua parte de terras, encravada entre a forquilha do rio Capivara e o morro da Jacutinga. A várzea, uma pequena meia-lua retorcida, em época de enchente alagava toda. A parte da encosta, ladeira de pedras, sem estrada, um verdadeiro cafundó.

Gustavo e a mulher trocaram a herança com o Theobaldo por um terreninho e uma casinha no Banhadal em Amaru. Constava do acerto, um emprego no frigorífico. Ao descobrir que fora um arranjo do politiqueiro endiabrou-se. Quando vinha a Cascalho o desabafo era a tônica do assunto:

- Ganância pela fortuna. Só faz trapaca. Através de procuração falsa abocanhou toda a herança da velha. Ludibriou até os irmãos menores. Ele quer comprar toda a curva do rio e fazer uma cerca, ligando o Lageado Barra Grande ao Lageado Sertão, de embocadura à embocadura. Vai fechar até a estrada geral. É um mão-de-vaca. Desconfio que não se casou com receio da mulher

comer um ovo e jogar a casca fora.

Aqueles desabafos prejudicavam a campanha para vereança, o que foi confirmado no dia da apuração. Faltara um voto, solicitou recontagem, trabalho inútil. Recebera o diploma de primeiro suplente, nunca assumindo uma cadeira na Câmara.

As lendas não morrem, peregrinam alimentando esperanças. Rebrotam no enterro dos mortos. Sofrível é sonhar à claridade, quando a razão engole o visível e a besta do ego pasta as virtudes alheias.

Com pneumonia dupla, em vitude do trabalho na câmara fria Gustavo morreu desdenhado, justo no dia da posse na nova legislatura. Theobaldo embicou, torceu o bigode, não foi ao velório nem ao enterro. Como se não bastasse a desfeita para a família do finado passou a usar lenço vermelho.

Então, para alguns fora surpresa, para outros o previsto, o aparecimento das propagandas de Theobaldo para deputado federal. Todavia a situação era diferente de quando fora candidato a vereador. Agora, contava com o apoio direto, aconchavo firmado com o coronel Antunes Nunes, raposa velha, cabresteador influente em Amaru e região. Sempre elegia quem de conveniência fosse aos negócios e interesses.

Das propostas de campanha de Theobaldo, a que mais carreeu votos foi de firmar propósito em lutar, brigar se necessário, e não permitir em hipótese alguma a construção de barragens. O argumento dele convencia as populações ribeirinhas:

- Jamais permitirei a aprovação deste projeto, pois como é do conhecimento de todos os meus amigos, eu seria o mais prejudicado. Minhas terras jamais serão inundadas pelos efeitos da mão humana, salvo o castigo dos deuses em conceber outro Dilúvio Universal. - discursava.

"ao cantar sentimentos

cântico não é - nem lamento

profecia não é - nem protesto

não é processo

É Espelho - nada mais."

- XV -

O velho Bopsin relutava em vender suas terras. Duas colônias encravadas na fazenda, uma faixa divisória do estradão ao rio, entravando o desejo do ganancioso. Alemão teimoso enjeitara bom dinheiro, com razão. Era favorável que cada colono tivesse o seu pedaço de terra. Afirmava convicto, que se acaso fosse se desfazer da propriedade, não seria para o Theobaldo. Entretanto, os filhos concordavam com a venda. Comprariam uma casa em Amaru, conseguiriam um emprego qualquer, colocariam a sobra na caderneta de poupança e viveriam vida de cidade grande.

O coronel Antunes Nunes viera pessoalmente visitar os Bopsin e propor negócio. Justificava querer instalar uma indústria de cerâmica, em virtude do barro de boa qualidade para o fabrico de telhas e tijolos, encontrado nas barrancas do rio. A família se quisesse nem precisaria ir para Amaru, poderia ficar em Cascalho e trabalhar na futura Olaria. Boa proposta, para o desenvolvimento de Cascalho. Chegaram até trazer umas maquinarias enferrujadas para confirmar o proposto. Tática e artimanha para iludir. Caíram convencidos, piaba tonta no direito do anzol. O instinto do peixe não distingue o milho verde iscado das guabirobas caídas das frondes do pé.

Meses depois, quando a família havia se mudado para Cascalho, as escrituras foram transferidas e a cerca em linha

reta concretizava as pretensões: quilômetros de aramado resguardando a curva do rio.

O velho Bopsin, quando soube da tramóia definhou desgostoso. Inconformado permitiu que o demônio se apossasse da alma, sem salvação de retorno. Horrível, o corpo dependurado de olhos arregalados de língua de fora. Tristura!

"A cidade debruçada

Sobre o vale.

A noite debruçada

sobre a cidade.

A chuva debruçada

sobre a noite.

A cidade, a noite, a chuva,

debruçada sobre o vale

seco"

- XVI -

Sugeriu convidando que fôssemos no outro cedo à ilha. Passar um dia rememorando. Anos cruzaram e eu também não mais dera de costado lá. Ariranha, lontra, tatu e macacada havia em bando naqueles alqueires de mata. Vista de longe, do topo do morro, a ilha parecia um naviozão subindo a corredeira.

Para levar o de comer, apressei-me em puxar o pescoço de uma galinha.

- Fazer fogo no pedregulho à beira d'água para ouvir o estouro das pedras - comentou enquanto eu limpava a penosa.

Percebi que ele não havia esquecido as origens, as coisas, os causos. Fazer fogo em cima dos pedregulhos à beira do rio? Os desavisados faziam. Quando as pedras esquentavam, estouravam e a chaleira ou panelas voavam.

Com os apetrechos na mochia, quis levar os anzóis. Não contrariei o desejo, todavia sabia que de peixes, nada. Saímos com a estrela-d'alva cintilando.

No alto do morro paramos para recuperar o fôlego e dar uma pitada. Tinguara não fumava nem bebia como viciado. Olhando

abaixo do horizonte lançou dúvidas:

- Seu Sebastião do Araçá, o senhor tem certeza que estamos no caminho certo?

- Tenho.

- Mas aquela não é a ilha!

- Sim que é. Ilha Morta - respondi de pronto.

- Ilha Morta? - intrigou. - Mudaram o nome? Não se chamava Ilha Nova?

Para animar a jornada e preveni-lo dos desencantos que teria, falei:

- O nome da ilha? Batizei agora, inventado no real. Era nova, ficou velha, mataram.

Balancando a cabeça me deu parabéns pela empulhação.

Emprestamos um caique velho, fazendo água, pouco perigoso no rio baixo, lentidão pegajosa na cabeceira da ilha.

Encostamos o caique no despraiado. Ilha raspada de árvores e vivos voantes. Terrestres rastejantes, apenas algumas corais peconhentas. Capoeira rala, fel-da-terra, grandiuva, cambará e emaranhados de maricá. Grande, somente o umbuzeiro solitário, em baixo do qual depositamos as tralhas.

Tinguara saiu dar uns volteios à beira d'água, enquanto eu catava gravetos e pedaços de madeiras depositadas pelas cheias para acender o fogo.

Retornou magoado, pensativo, em virtude da ilha sem vidas, e o rio começando a gosmar fedorento. Deu voltas, desacorçoado, ajuntando pedaços de pau.

Enquanto preparava o risoto, vi meu amigo jogando pedrinhas na água tentando tirar no assovio a "Disparada." Homem de sabedoria e conhecimentos da história, mas de música manjava pouco. Afinal, ninguém armazena o total do saber.

- Tá fora do ritmo - gritei.

- O que importa é a intenção - retribuiu.

Atucanado com a chaleira, a panela, e os temperos, quando dei fé, Tinguara vinha carregando uma pedra. Não consegui imaginar sobre o significado. Para fazer acento não era, pois ali, desde a época dos madeireiros e pescadores, haviam preparado o local para acampamento: lugar para o fogo, bancos e mesas de pedras, resistindo às enchentes. Depositava uma, buscava outra. Parava um pouco. Tomava um chimarrão, bebericava um gole da maldita curtida com amora e retornava. Por diversas vezes quis perguntar o motivo do trabalho, contudo em respeito à liberdade engoli a curiosidade.

Recém almoçados, palitou os dentes e retornou à ajuntação. Instante incontável. Sem vislumbre de razão me encontrei ao lado dele catando pedras de formato retangular. Carreguei uma, me impediu:

- O senhor quer ajudar?

- Sim - disse com voz e aceno.

Então, o senhor será o construtor e eu o servente. Vem cá, - puxou-me pelo braço até perto da pedreira recolhida e demarcou um retângulo no chão - deve ter um metro por um-e-meio e dois de altura. Quantos metros quadrado dá? O senhor sabe medir certo sem metro? - perguntou-me, pondo em prova meus conhecimentos.

- Três metros quadrados. Quatro palmos, mais a abertura entre os dedos indicador e anular, dos meus, exato um metro. Em caso de centímetros, uso minha unha achatada do mínimo.

Marcamos, medimos com uma vara de sarandi escalada. Tinguara orientou:

- Tarefa distribuída. Eu, servente, vou trazendo o material e o senhor, construtor, vai construindo, pedra por pedra,

ordenando as diferenças de cada uma.

Tarde chegando, sol caindo no avermelhado das nuvens, obra concluída. Claro!... desculpas me sejam dadas. Minha idade não consegue repor a seqüência. A escadaria para subir os dois metros?... Discutimos traçando desenho no chão. Decidido se fez uma rampa iniciada no lado maior, fazendo a curva no canto. Mas a preocupação dele era que deveria ter exatamente vinte e oito degraus, feitos para subir ou descer um de cada vez.

Quando terminamos afastamo-nos algumas passadas para avaliar o edificado. Comemoramos abraçados entre vivas! Eu imaginava que fosse o abraço do término. Recolher os trazidos e desacampar, deixando o empilhado: brincadeira de quem não tem nada para fazer. Engano. Medindo, escrevendo ao vento, tocou meu ombro perguntando se eu ainda lembrava da lenda do umbu. Sabia, desde criança, contada por minha mãe que me ensinara os princípios. Negar como, se ao Menino de Sete Dedos eu contara no hospital?...

- Muito bem, muito bom, excelente - falava e gesticulava, - Vamos subir que explico melhor. O senhor se concentre. Ouça o silêncio!... Só os sábios conseguem ouvir o silêncio, o senhor é um sábio, o senhor se concentre, o senhor se esforce, o senhor conseguirá. Bom, muito bom, ótimo!... Olhe, as crianças estão chegando. Ouça a algazarra que fazem. Pronto, não estão todas mas já são milhares. Agora, quem tinha que vir veio, chegaram. O senhor fique aqui e conte a lenda.

No imperativo, julguei que estivesse delirando. Interrompi ironizando:

- Tudo bem, mas não vejo nenhuma criança por perto, a não ser você.

Esperava um desafeto, mas não desatinou. Calculava os

pontos. Parecia Saci-pererê facanhando boitadá.

- Está melhor, muito bom! Observe Sebastião. Eu sou criança... - falava autorizando - bem-bem-bem... então faz de conta. Todos esses arbustos ralos são crianças. Atente, Sebastião, que mesmo raquíticas, sem pão, sem leite, são dotadas do sopro da vida. Todo inocente bate palmas. Inocente não são apenas os menores de sete anos. Inocente é o povo analfabeto subjugado. Eu vou descer e o senhor conte.

Desceu e sentou-se no chão de pernas cruzadas parecendo o Menimo do Cogumelo. Quando ia começar a contar me interrompeu com expressão brava:

- Assim não fica bem, é melhor que o senhor sente. Criança sabe distinguir o falso do justo. Vire criança, sente-se, seja igual a elas!...

Obedecendo, sentei-me de pernas cruzadas no altar, oratório, púlpito, quadrado de pedras, sabia eu o nome?...

A lenda, reconto:

"Chamou Deus, um dia, todas as árvores à sua presença, ordenando-lhes que pedissem alguma graça, que lhes seria concedida.

Todas por sua vez, fizeram pedidos: vigorosidade, beleza, frutos saborosos, etc.

Chegada a vez do Umbu, disse este: "Quero a mais ampla e mais densa de todas as sombras; quero ser o amigo dos caminhantes, o símbolo da hospitalidade... e minha carne esponjosa e frágil, para que se quebre a menor violência.

- Por quê? - perguntou Deus - se todas querem ser fortes...

- Não desejo, Senhor, que meus galhos e meu tronco possam servir, um dia, para crucificar um justo."

Concluído o contar ele bateu palmas e pulou, feito mico no

milharal em farabandas.

- Desça, vem cá!

Desci.

- As crianças cresceram, todos jovens. Agora o senhor fique aqui que eu vou subir. Saudando a multidão proferiu:

- É necessário que se acabe com o slogan politiquero de que os jovens serão o futuro da nação. Desde os jovens tempos do bisavô do Aracá que essa apologia desvairada se repete.

No princípio da oratória me senti acuado, mas sem perceber aplaudia animado, enquanto Tinguara orador agradecia:

- Obrigado pelos aplausos! Muito obrigado!... Continuando, vou recitar um soneto, cujo tema versa sobre o rio. Vocês querem ouvir?...

Eu pulei na encenação aplaudindo, gritando:

- Queremos!... queremos!... queremos!...

Silêncio se fez:

"Paro à margem esquerda e não atino
Pois não mais espelhas meu retrato,
És mero negativo, ser abstrato,
Legado ao próprio éter do destino!

E o sacro peixe vivo já não vejo
A pregoar liberdade entre as águas.
Parca cascata és de duras mágoas
singrando o sonolento dos desejos.

Convergem ao lamento das altivas
O borbulhar viscoso das cativas
E a triste angústia engole o canto,

Ao sentir que as outroras águas bentas

Torpes, turvas, correm hoje agourentas,
Sem sabor, sem amor e sem encantos."

Agradeceu ofegante os aplausos.

Acenando um lenço branco inquiriu:

- O senhor tem lenço?

Meti a mão no bolso e informei mostrando.

- Não, este não serve, não pode. É vermelho e azul listado igual bandeira americana.

Raciocinou num tique-taque... Ordenou descendo os degraus:

- Vamos utilizar a toalha de louça e o saco de algodão que usamos para trazer os víveres.

Abrimos a costura e com o facão cortamos ao meio de comprimento. Apagou um tição e escreveu em letras tracadas, desenhadas grandes: " VIVA O AMOR MOMENTO ", na outra; " ÁGUA: FLUÍDO DA VIDA "; no pano de prato bordado com frutas e uma cuca sendo cortada em fatias, caprichou com o carvão: " QUE ASSIM SEJA! ". Não tendo mais tecido nem nada para escrever, usou o lenço: " NÃO MATE O RIO ". Enquanto escrevia, descortinei a paixão deles, nítida cor-de-rosa: "T. eu te amo! M. ", na borda do lenço.

- Escolha uma Sebastião - sugeriu.

Preferi a primeira, resumo das outras todas. Com os fios da costura do saco demanchado, estiramos as demais nos galhos dos arbustos.

- Agora, - ele sempre liderando - os jovens cresceram, são adultos e pobres. Nós temos que orientar esse povo. O senhor fica aqui recepcionando e segurando a faixa que eu vou subir e começar.

Subiu e proferiu um discurso coerente e sério, cuja frase

final arquivel: "O trigo mata a fome e o saber constrói o homem".

Aplaudi, aplaudimos com vibração. As faixas tremulavam e as pequenas árvores acenavam à brisa da tarde.

Sentamos ao redor do fogo reavivado com gravetos e encostamento de dormentes. Tinguara estava satisfeito:

- Foi uma grande manifestação, Pelos meus cálculos, aproximadamente trinta milhões de pessoas, se contarmos aquelas que ficaram ouvindo às margens dos rios - avaliou e prosseguiu filosofando: - Neste orbe nada é eterno. O homem faz e desfaz. Eles construirão as barragens, matarão o rio, sepultarão a Ilha Morta. Entretanto algum dia tudo isso ruirá e o rio assumirá seu curso normal. O altar emergirá das águas. Outros povos o descobrirão. Sem dúvidas farão pesquisas para descobrir sua origem e finalidade. Formularão hipóteses, mas nunca chegarão a uma tese convincente. Isso não terá a mínima importância, pois talvez, as futuras gerações não precisarão utilizá-lo como tribuna para clamar por justiça.

- Assim seja!... - atento ao ouvir conclui.

Tinguara gostou da minha participação. Agradeceu com um sorriso largo e fez brincadeira imitando meus entones, meus quês e que-que-és:

- Entonces... quem foi que construiu?... Éta que foi feito perfeito por nós dois: Sebastião Tinguara Viri dos Araçás.

Quando chegamos na casa do Laudelino para agradecer o empréstimo do caique, comentaram que tinham ouvido as falas. Não tinham ido até lá porque não havia embarcação. A mulher da casa que mexia polenta, veio ter com a gente na varanda elogiando direto:

- Este senhor tem toda a razão. Não viram a exploração do Theobaldo. Já falei pro Laude. O que vai ser da gente? O

Sebastião conhece, a gente só sabe lidar com a terra. O que vamos fazer para criar os filhos? - falou uma ladainha inteira.

A idéia de irmos embora, calcar pé na estrada àquela hora, foi descartada ante a insistência para ficarmos. Consentimos em pernoitar, desde que nos acordassem cedo.

A mesa, depois que saboreamos a polenta de milho novo com molho de caponi, queijo e radiche coti, muito se conversou sobre os problemas. Tinguara alinhava os assuntos. A filha mais velha da família, devendo estar na casa dos dezessete-dezenove, sentada no outro lado da mesa, rebrilhava o olhar no semblante de Tinguara.

O rosto dela cerejou quando meu companheiro comentou elogiando:

- O senhor tem uma filha muito bonita!

Assanhado! Pensei no lenço, presente da Mirian, molhado de orvalho, dependurado num galho de maria-preta acenando ao luar.

"Quer casa

Quer casa";

Amar a vida, em casa

E dar graças a Deus pela casa..."

- XVII -

Quando dona Bertholina soube do namoro do filho com Clara Lurdes não se conteve e a noite enluarada daquela quarta-feira primaveril transformou-se numa tempestade de fim de outono.

Aguardou o regresso do rapaz, que por certo fora acompanhar a namorada. Nem bem adentrara na cozinha e o alemão pesado desabou:

- Das kannst du nicht mit deiner Mutter und deiner familie machen. Wo hat man das schon mal gesehen-heiraten mit einer Katholikin, auch noch mit einer Italienerin? Hast du ganz vergessen, dass du Pastor werden wolltest? Sie hat dir woal so den Kopf verdreat, dass du sogar mit dem Studium aufgehört hast! Diese Heirat werd ich Mutter mit Geschmacklosigkeit umbringen? Ist es das was du willst? Antworte! Tu es wenn du wirklica willst, aber nur uber meine Leiche.

O Helmuth era calmo e educado e não retrucou a mãe com aspereza. Tentou explicar seu gosto, sua afinidade com a moça, entretanto as justificativas não confortaram os lamentos.

Os homens, pais dos dois, apesar de também não concordarem plenamente com a idéia, não mergulharam na contenda. A teimosia reinava nas mulheres. Como amigo das famílias passei a ser o guardador dos rancores.

Todavia, o pior não aconteceu dado a minha intuição. Caso contrário, o Sétimo, irmmão de Clara Lurdes, teria cometido um

desatino, acredito, aliás, tenho certeza, não pela sua própria vontade, mas pela constante azucrinização de sua mãe.

Soube por acaso que comprara um revólver. Conhecia, mais ou menos, seu círculo de relações e não via em nenhum deles inimigo de morte. Havia sim, algumas desavenças de fim de baile oriundas de desacertos com namoradinhas, justificativa infundada para adquirir uma arma.

O premeditado deveria acontecer no baile em Jacutinga, pequena localidade perto de Porto Novo, onde o salão transbordava. A rapaziada de Cascalho e alguns casados sempre frequentavam aqueles bailes pela presença das raparigas assanhadas. Os casados?... Ludibriavam as mulheres alegando que iam jogar bolão em Porto Novo. O interessante é que realmente iam, mas de Porto Novo à Jacutinga era quinze minutos de viagem.

Prosseguindo, eu sabia que eles iriam ao baile naquele sábado e como não conseguira encontrar o Helmuth para alertá-lo, tratei de pegar uma carona com o Miro e fomos.

No aquartelar das onze horas chegamos. Como imaginara. O Helmuth se divertia com seus amigos comendo cuca com linguica cozida e tomando cerveja. Questão de pouco, chegou o Sétimo acompanhado por uma turma que vez por outra badernavam os bailes, mais pelo desprazer de perturbar a alegria alheia do que por motivos aparentes. Acontece que chegaram meio tomados, dispostos a perturbar a ordem. Assim que entraram no salão um do grupo passou perto da mesa do Helmuth e derrubou um copo de cerveja, indício da provocação. É nessas circunstâncias um tiro ecoa de onde menos se espera.

Convidei o Helmuth para um particular. Fora do salão, sem muito rodeio expliquei-lhe a situação delicada. Ele entendeu. Reuniram a caravana e zarparam.

Na semana seguinte convenci o Sétimo a desistir da idiotice.

As discussões em família fortificava o furtivo namoro. Quando as mulheres perceberam que a teimosia não conduzia ao almejado tomaram consciência e cederam, mesmo diante da intromissão dos padres e do pastor. Padre Áureo defendia a união dos corpos e das almas, enquanto Padre Atanásio teimava no desconselho.

No entrelaçar dos desacordos cederam à aliança com casamento marcado.

Após os sins dos noivos perante o Pastor Lutero, a festa continuou no Centro Cultural; junção de vinho e chopp, salgados e doces.

Mas antes da festa, o Padre Atanásio ainda tentou escurecer a harmonia da união. Durante a prece da Ave-Maria, transmitida pelo alto-falante da Matriz invocou:

- Rezamos paroquianos, pois hoje, uma ovelha entregou sua alma ao demônio.

Acho que poucos ouviram a prece, pois a maioria das famílias confraternizavam ao som da roncadora.

.....
Verginella no posso trovare
solo mi basta che la sia bela.
Ciombalarilalela e viva l'amor.
.....
Trink bruderlein trink
Lasse die sorgen zu haus
Trink bruderlein trink
.....

"Tragai-me no vosso ventre

Onde não existe

nada

nem dor

nem solidão!"

— XVIII —

Final de setembro. Acordei no costume de alvorecer. Chimarreando na varanda, ao ver as mamangavas bulindo com o néctar das bocas-de-leão, lembrei-me da orquídea pingo-de-ouro florindo num toco de xaxim, encravado na forquilha de um açoita-cavalo nos fundos do quintal.

Com a chaleira preta na mão esquerda e a cuia na direita fui espiar o florir do meu plantado há muitos anos.

Ao contornar a casa, senti o ar pesado, carregado de tensão envolvendo a manhã nervosa. Não fiz nenhuma tentativa de associar os fluidos negativos com a passagem, bem cedo, de dois caminhões de policiais do destacamento de Amaru em direção ao sul. Como o tempo era de paz, imaginei tratar-se de uma manobra de treinamento.

Todavia, durante toda a manhã o vento suspirava angústia causando mal-estar.

As folhas da comigo-ninguém-pode enlaçavam o esteio da varanda, esbanjando vida-verde mesclada de branco, enraizadas numa urna indígena transformada em vaso.

A urna?... Bem, um presente que ganhei, há muitos anos, de um oleiro de Pedra Vermelha, encontrada a sete metros de profundidade na barranca do rio. Ele me disse que tem mais de sete mil anos. Tinguara confirmou com um recorte do Correio do

Povo.

- É um vaso de bugre!... - minha mãe falava.

Agora, a planta veio de Iracema, uma mudinha de nada, logo após ter readquirido a liberdade.

- Sabe como se chama esta folhagem?

- Não sei. Dizem que é venenosa.

- E é!... Comigo-ninguém-pode.

Quando mostrei-a para minha mãe ela se espantou:

- Filho, esta planta é bonita mas é venenosa.

- Eu sei, mas a senhora sabe quem me deu?

Ante o pasmo dela conclui:

- Rosa Silvestre.

Ela me abraçou com alegria e ordenou-me que buscasse o vaso de bugre guardado no galpão. Por ordem dela coloquei-o aqui. Enchi com terra boa e ela plantou a esperança de me ver casado.

Apesar das boas recordações a manhã continuou enrustida até ao meio-dia, quando o Arauto, meu vizinho, chegou do trabalho e relatou o que estava acontecendo:

- Estão retirando as famílias da fazenda.

- Retirando as famílias da fazenda? - reperguntei.

- Da fazenda do Theobaldo, é verdade. Passei por lá agora pouco. Está um rebolico danado.

- Explique-se melhor, seu Arauto, continuo não entendendo.

- É uma ordem judicial que o deputado conseguiu para desocupar suas terras. Acontece que o projeto para a construção das barragens foi aprovado. Então, quando o governo autorizar a indenização ele receberá toda a bolada sem precisar dividir com ninguém.

Estava com um assado de pernil de porco cheirando na panela para saborear com mandioca pioneira, mas a notícia embrulhou o

apetite.

Confiante no relato eu não podia acreditar. Mesmo sabendo que nada poderia fazer em prol das famílias, decidi ir até lá.

À distância de alguns metros confirmei o tumulto. Vacilei em me aproximar, de ver e ser visto. Tomei coragem, entretanto dantes tivesse me acovardado. Os poucos pertences dos familiares sendo jogados ao relento da estrada. A falsa coragem dos homens envolvia o desespero das mulheres e o choro das crianças.

O escárnio maior era o Theobaldo sorrindo num enorme outdoor na entrada da fazenda sob a legenda: "Reeleja quem está ao seu lado."

Se foi reeleito?...Pergunta desnecessária!

"Naquelas horas amargas

Em que nossos sentimentos

Vão para muito longe

À procura de um evento

Em que caibam as sensações

Que se sentem no momento."

- XIX -

O táxi do Miro parou no portão, desnovidade! Tempo em quando chegava ele ou o Demar pelo motivo de sempre. Tanto que arriei a cuia na caneca ao lado do fogão e passei ao quarto para apanhar a gaita e perfilar o visual no espelho.

Nem bem havia acertado o nó do lenço quando ouvi o ronco do carro andando. Engano de endereço, desconfiei desafogando o nó.

- Tem alguém em casa? - alguém chamou.

Ao atender, dei de frente com um homem me olhando firme e sorrindo.

- Boa tarde, é aqui que mora um tal de Sebastião do Araca? - indagou.

- É pois, ele às suas ordens, vamos entrando!

Quem era?... Tentei reatar os fios da memória através da retina dos olhos. O Moura! Só podia pela aparência. Enganei-me!... Os olhos dele brilhavam de contentamento sufocado. Então ele percebendo que eu estava confuso, falou:

- O arco-íris nunca pára ante a perplexidade de suas cores e engodos da existência. Seu Sebastião do Araçá, o senhor tem nome bonito e toca gaita.

Não podendo mais se conter estendeu-me a mão sem o indicador.

- Tinguara!... - gritei ao encontro de abraços.

Estas gotas, vertidas agora, são a sobra do reencontro, momentos de revivência.

Dado ao espaço de duas dezenas de anos, sem notícias trocadas, assuntos não faltaram durante os dias que se acantonou aqui em casa. Momentos de revivência dos vividos.

Primeiro, perguntei-lhe sobre sua mãe. Dez anos pelos meus cálculos, havia saído de Cascalho. Enquanto ele relatava eu imaginava e me orgulhava. Quem diria! Receber aqui, corpo presente, o Menino de Sete Dedos, professor, homem estudado. As falas dele, às vezes, distorço, não na significação, mas na ordenação das palavras. Aida hoje não sei traduzir o que ele quis dizer quando falou:

- Minha mãe não sabia que entre o polegar e o indicador se cruzam os desígnios da vida.

O nosso bate-papo acordava as madrugadas. Uma delas se prolongou que os raios do amanhecer penetraram pelas frinchas da janela. As noites curtas não conseguiam saborear o mundaréu do falatório.

Das conversas dispersas, se perdendo, se encontrando no fio de tantas meadas, não se pode organizar no seguimento. Água livre campeando o caminho. Toquei no sonho que tive.

Apossado de sabedoria comentou:

- A água é a fonte da vida e da purificação. Flui como centro de regenerência. Para os homens ela representa a infinidade dos possíveis, contendo promessas de desenvolvimento e destruição, é a fonte da vida e da morte.

Eu ouvia com atenção, um tanto acabrunhado por não entender todo o significado.

Enquanto o ressurgido comia mais alguns pinhões assados na

chapa e batidos no canto do fogão com o martelo de pau, eu matutava sobre as verdades do falar dele: "Fonte da vida e da morte". Lembranças passadas e recentes me vieram sobre o rio. Doutor Carlos morrera na água, lancha tragada por um redemoinho antes do Salto Itacumã. Cibeles, canoa emborcada na foz do Chapecó. A filha do Sassi, na balsa em Passarinhos, desventura na inocência!... E o Tinguara, quase não se foi?... Ele continuou:

- A água do rio lava o procedimento dos homens traçando a vareta da bem-aventurança ou da desventura. O rio é o caminho da humanidade, o agente natural da fertilidade. Tem por princípio a incumbência, tanto de aniquilar as espécies, como de fazê-las ressurgir em outras eras. Muitas vezes estrangula a história fechando um ciclo, para em outro momento restabelecer o ser num estado novo - falava livre como se tivesse decorado.

Em razão do que eu estava ouvindo, brinquei retribuindo:

- Professor Tinguara Viri de Moura, o senhor tem nome bonito. Fala bonito. Como é que o senhor guarda tudo na cabeça?

- É a memória!..." - sorriu recordando.

Continuava o mesmo brincalhão de sempre. A diferença era que agora separava o sério do descompromissado.

- Quanto à serpente do sonho, - continuou após ter degustado mais um caneco de quentão - há significação uma vez que homem e serpente são seres opostos, justamente pela complexidade do homem e a simplicidade da serpente. É o mítico embricado na realidade humana. O sagrado natural, não só espiritual, mas também material.

Notei uma nesga de preocupação murchar seu semblante.

- Alguma coisa errada que falei? - perguntei receioso de algum desagravo impensado.

- Não. Estou apenas tentando fazer algumas associações de

idéias, pensando no número e quantidade das pedras para tentar entender o jogo. Quando estive no Toldo em visita à minha mãe fui tolhido pelo imprevisível, o imaginável. Minha mãe espalhou um boato, profetizando que seu filho voltaria para fazer vingança e reorganizar os caingangue. Em princípio julguei tratar-se da crendice em Arê, um herói caingangue do mito diluviano, segundo a qual fora o único sobrevivente. Salvou-se numa jangada, raptou uma moça de "outra gente", constituiu a primeira família, repovoando desta forma o mundo dessa tribo. Entretanto... depois mostrou-me algo que já ouvira de terceiros e lera publicado em jornal. Acredito que o senhor também tem conhecimento da tragédia, aliás, em versos tenho certeza.

Apartei alegando ignorar do que se tratava, pois tragédias aconteceram tantas nestes confins que é difícil enumerá-las. Eu mesmo escapara duma que teria sido fatal. Das pequenas, me furtei a salvo de várias. Não fosse o tino de minha mãe em fugir sertão afora me carregando num cesto na cangalha de um burro, teria morrido criança, espetado na baioneta do coronel Setembrino, contestando o Contestado. Meu pai pereceu em Caraguatá lutando com facção de guamirim contra o fuzil armado.

Voltou da sala trazendo o alforje que havia dependurado no encosto da cadeira. Vasculhou o interior e me passou uma folha de inteira de jornal. As letras pequenas nem precisei ler, pois a manchete: "Padre, Delegado e Juiz na Chacina", associadas às fotografias me conduziram a um episódio ocorrido em Amaru anos passados. Eu não podia imaginar que Tinguara tivesse alguma ligação o caso. Com a folha na mão, olhei para meu amigo e perguntei:

- E então, o que tem você com esta folha? - perguntei.

A resposta veio seca:

- O todo no tudo. Meu pai, é um desses queimados.

Eis que está!... repugnei o quentão. Vinho derramado na chapa: sangue queimado, enjôo, nojo!

- XX -

O engenheiro, como de outras vezes, teve que ir a Amaru para solicitar do governo providências e auxílio para abertura de estradas nas novas colônias e me convidou para acompanhá-lo.

Pensei que fôssemos de lancha como de outras vezes, mas em virtude dele querer aproveitar a viagem para fazer uma visita às famílias da colônia de Porto Novo, iniciada há dois anos, fomos a cavalo.

Na ida, tudo transcorreu normal nos dois dias de viagem. Um daqui a Porto Novo e outro madrugada até Amaru.

No terceiro dia, ao cair da tarde os assuntos estavam resolvidos.

Dormimos mais uma noite na pensão de um italiano e partimos ao alvorecer sem chimarrão e café. Pretendíamos chegar cedo da tarde em Porto Novo.

O tempo engana a pretensão do homem. Em torno das dez da manhã fomos surpreendidos por uma tempestade. Chuva densa de escurecer o caminho. As nossas capas de feltro não impediram que ficássemos encharcados, contudo o pior estava por vir.

Questão de um quilômetro adiante, um riacho transbordando impediu a nossa passagem. Como a chuva continuava, por certo, as águas levariam muito tempo para dar passo. O recurso foi retornarmos algumas léguas para tomar uma picada que desviava o o curso d'água.

Enquanto os cavalos amassavam barro os nossos estômagos ardiam. Se fosse época de pinhão disfarçaríamos a fome.

Em torno das três-e-meia da tarde avistamos, a pequena

distância da trilha, um rancho de chão batido coberto com folhas de palmeira, abandonado. Era usado pelos ervateiros durante o período de corte, quatro ou cinco meses por ano e os catadores de pinhão na entrada do inverno.

- Estamos salvos!... - falamos ao mesmo tempo.

Acendemos fogo e secamos nossas roupas e pelegos. Como a chuva continuou caindo passamos a noite ali; pelo menos estávamos abrigados.

Um aguaceiro fino descortinava a manhã. Selamos os cavalos e retomamos a trilha, um rio, um pantanal reduzido. Não muito distante, uma légua-e-meia, avistamos fumaca saindo de um rancho. Suspendemos nossas montarias pela rédea naquele terreiro socado, sem vestígio planta cultivada ou de animais domésticos, a não ser um cachorro sarnento, que enroscado no canto do rancho com o rabo entre as pernas, nem se preocupava em anunciar nossa presença.

Um caboclo nos recebeu. Após a saudação inicial, ataquei direto:

- Nosso amigo, estamos desde ontem sem comer nada. O senhor dispõe de alguma coisa para comer?

- Aqui nós tem só uns frango assado e chimarrão.

Apeiamos e entramos.

Em seguida trouxe o chimarrão. Uma cuia pequena com uma bombinha sem bojo. O chimarrão era amargo, horrível, feito de erva canchada. Tomamos para esquentar o estômago.

Em pouco o homem veio com algumas espigas de milho assadas. Não era milho verde, era milho seco e rijo.

O engenheiro sem rodeio atacou uma espiga. Eu fiquei no aguardo do frango. Meu companheiro já tinha devorado uma espiga e como o frango não viesse indaguei:

- Amigo, será que o frango vai demorar? Pode ser mal passado mesmo.

- Ué! Eu já truxi. Vancê não quis cumê.

Diante da situação apanhei uma espiga. Acabamos roendo ali, uma cada um. O Doutor Carlos deu uma gorjeta generosa. Pegamos mais uma espiga cada um e retomamos à marcha.

- Sebas, o que você acha de apertamos o passo?

- Estou de acordo. Os cavalos que nos perdoem. - disse esporeando e dando rédeas ao animal, o mesmo fazendo meu companheiro.

O alívio chegou quando alcançamos Porto Novo. Fomos recebidos por uma família que ali chegara cerca de dois anos. Apesar de ser fora de hora de refeições, após o colonizador ter relatado, em parte, a nossa situação, fomos convidados a sentarmos numa mesa feita de tábuas brutas de pernas cruzadas com toalha bordada. A dona da casa serviu pão de milho com torresmo, batata doce assada, doce de abóbora, salame e leite.

Quando a mulher começou a se desculpar pela ausência de alguns alimentos, Doutor Carlos atalhou em alemão. Mais ou menos traduzo:

- Já sei!... Falta café, farinha de trigo e açúcar. Como sempre digo, o mais difícil são os dois primeiros anos. Vocês já estão muito bem!...

Enquanto saciávamos nossa fome, o dono da casa entusiasmado falou do andamento das plantações. Se o tempo melhorasse colheria trigo suficiente para o gasto. O arroz estava garantido. No ano seguinte a cana-de-açúcar daria corte. Ficariam na dependência do sal, fazenda e ferramentas.

- Não se preocupem, - confortou o colonizador - até lá vocês terão uma venda. Acabo de firmar negócios de alguns lotes para

dois irmãos, comerciantes de Rio dos Sinos que pretendem instalar aqui uma ferraria e uma casa de negócios.

Enquanto cavalgávamos retornando, ao cabo de uma semana de montaria, com as partes internas das coxas ardendo, tracei minhas comparações silenciosas entre os colonizadores de Cascalho e os primitivos habitantes de Amaru.

" A lua é um queijo
que alimenta a bem poucos,
somente às crianças
aos bêbados e aos loucos."

- XXI -

Os torneios de bolão duravam mais de uma semana. Começavam num sábado e terminavam no domingo seguinte com o baile do chopp, quando acontecia a coroação do rei, da rainha e do urso.

Falando em urso me recordo do Tinguará. Urso?... Era aquele que conseguia fazer o menor número de paus sem banda.

Eu nunca fui bom, jogava para participar disputando cervejas. Às vezes ganhava, outras perdia. A gente se divertia e vivia momentos alheios às bonanças e dissabores.

O ano não recordo, só se for apanhar o caneco e o medalhão. Acontece que Tinguara cismou em participar. Eu não conseguia imaginar de que maneira ele pegaria a bola. Por quê?... Bolão é um jogo de habilidade. A bola tem dois furos com uma marca chumbada. De jogador para jogador e conforme a prancha, alguns colocam a marca para dentro da palma da mão e outros para fora. Então, sem o indicador para direcionar a bola de que modo faria, uma vez que a esquerda sem anular e mínimo seria praticamente impossível orientar um impulso certo. Fez, fizemos as inscrições, eu apenas com o intuito de acompanhar o amigo.

Chegou a vez dele. Eu?... Joguei antes. Um fiasco de quatros e setes misturados com bandas. Entrou garboso, pegou a bola com o polegar e o anular. Largou a bola, rolou lisa direta na caixa esquerda: nove paus deitados.

A platéia aplaudiu. Os participantes se entreolharam

imaginando ter pela frente um forte e temível concorrente. Qual nada, na segunda jogada derrubou apenas um pau no garrafão esquerdo. Ecoaram aplausos por parte dos contendores e vaias por parte dos assistentes. Mas, o pasmo dos presentes aumentava a cada jogada: sequência palmilhada de um, mais um, mais um... Todos suspenderam a respiração enquanto a vigésima bola, largada mansamente, lambia ora a quina direita ora a esquerda. O sufoco explodiu em aplausos. Foi uma pena, apenas o nove inicial destoou a sequência de dezenove uns, marcados em seu cartão.

Era engraçado ver, durante o baile, Tinguara dançando, desfilando no salão com aquele enorme medalhão de couro pendurado no pescoço, bailando a alegria na espuma do chopp.

Na hora da janta, comendo chucrute, salsicha, picles e cuca, Tingiara enrolando a língua, apontando os dizeres, gravados em letras góticas e douradas no caneco, desafiou:

- Duvido que você leia estes rabiscos... Aposto seis chopps...

- Apostado, leio. - disse e li:

" Sauf'st - stirb'st

sauf's nit

stirb'st aa!

Also sauf'st. "

- Até que você pronuncia direito, mas duvido que você sabe o que quer dizer.

- Eu sei, - retruquei - não aposto nem traduzo, porque em português perde a graça.

"Ele, de tanta emoção não falava nada, apenas deixava cair aquelas lágrimas cansadas de esperar por esse momento e que agora estava acontecendo."

- XXII -

Mais ou menos, um mês após o falecimento de Cibele fui visitar Mirian para saber como estava: se envolta nas névoas da tristeza ou se vivendo conformada com a ausência.

Fiquei feliz ante seu contentamento. Parecia maria-mole desvirginando a primavera do seu primeiro amor.

- Tenho um namorado! É um homem bonito, inteligente e carinhoso. Ele me disse que eu sou a vertente do rio de sua vida.

Compartilhei da alegria com um abraço afetuoso. Comemoramos degustando um doce de amoras, tão saboroso quanto a ambrosia dos deuses.

- Sebastião, tenho um segredo para revelar. O senhor não sofre do coração? - perguntou-me sorrindo, todavia deixando transparecer na voz uma gota de tremor.

- Meu coração ainda é o mesmo, teimoso e palpitante. Aprendeu na trajetória das lides a suportar os encantos e desencantos; o endurecer dos ossos e a fraqueza da carne - falei.

- Descobri quem é meu pai! - atacou séria.

Cai no pensar solitário. Quem poderia ser?... Um crápula qualquer, um homem de família da chamada sociedade? Arrisquei:

- E você o conhece? Como é ele?

- Conheço! É um homem muito bom! - contradisse meus pensamentos.

- E como você descobriu?

- Quando eu fiz quinze anos minha mãe sigilou para mim e minha tia.

Através da pérola do seu anel, meu presente, relembrei a festa de seus quinze anos. Até tiramos uma fotografia juntos: nós três: eu, Mirian e Cibele.

- E eu posso saber quem é ele? Estou curioso.

- Pode. Ele está sentado bem na minha frente...

Foi uma das poucas vezes que meu coração disparou encantado.

Somente à noite consegui alinhar os pontos e arrematar a verdade!

"Homens sem ideal!

Pássaros que riscam pelos céus

as asas sem destino e sem pousada!

Não colhereis nem louros, nem troféus

Numa existência que rumou pro-Nada."

- XXIII -

O sábado de aleluia escurecia cor de breu. Um tiro de calibre grosso sacudiu os ventos na direção do porto. Em seguida, da janela dos fundos, ouvi o movimento anormal de carros. Confusão com os barrageiros, pois quando em quando armavam aruaca entre eles.

Somente mais tarde, o Arauto chegou trazendo notícias do acontecimento. O comunicado curto me desnor-teou:

- Mataram o Helmuth!

Paralizei na aflicção com o queixo rijo. Não consegui perguntar como acontecera, sem notar meu estátco por causa da penumbra, foi concluindo:

- A turma estava disputando o torneio de dominó no Bar do Porto. O Helmuth e o Tinguara jogavam em dupla. Lá pelas tantas, chegou um estranho bisbilhotando por ali. Encostado no balcão tomou uma cerveja, calmamente. Perguntou ao garcom se ele conhecia um tal de Tinguara. Ele indicou à mesa com movimento de cabeça. O estranho pagou a conta e se retirou. Meia hora passada, mais ou menos, Tinguará e o Helmuth, após serem classificados para disputar o título, saíram e logo ouvimos o estrondo. Tombou ao lado do cepo de cedro, monumento dos madeireiros, como chamam.

Despistei o Arauto e disparei.

Quando cheguei, já haviam levado o corpo para o hospital. No local as manchas de sangue assinalavam o desencontro da existência.

No hospital, em meio a multidão curiosa e aflita encontrei Tinguara amargurado:

- Sebastião, mataram o homem errado. Eu deveria ter sido a vítima.

O desespero, a tristeza das famílias e da maioria da população perdurou na morosidade do inquérito.

Tinguara declarou ao Delegado que não tinha plena certeza, mas desconfiava que o assassino jogara a arma no rio, pois fugira em direção ao porto e pressentira que alguma coisa pesada caíra na água.

O Delegado tratou de organizar a busca. Apareceram alguns mergulhadores sem sucesso. Sugeri ao Tinguara que estava ao meu lado:

- Se o Menino de Sete Dedos estivesse aqui...

- Já havia pensado nisso. Será que eu consigo um calção emprestado? - perguntou-me.

Conseguimos com o dono do Bar do Porto.

As esperanças de pescar a arma fluíram novamente.

Mergulhou. Não era mais o lambari de outrora. Fez algumas tentativas e reclamou:

- O fundo do rio está barrento, pegajoso, mas eu vou conseguir.

Toda vez que retornava de mãos vazias o desânimo aumentava. Persistiu na teimosia. Antes do sol mergulhar nas nuvens negras e avermelhadas do horizonte, Tinguara veio à tona trazendo uma arma.

Anos depois prenderam um suspeito, todavia sem provas, até

hoje, uma espingarda calibre doze de cano serrado, aguarda a presença do assassino ou mandante no banco dos réus.

"Em imensos metros quadrados

de solidão

sem colorido nenhum

dança o último herói

sem tradição.

Porta-estandarte do fim "

- XXIV -

O alforje dele está bem guardado. Documentação arquivada, capricho de ordem. A Mirian poderia transferir o legado, mas ela é uma jovem-mulher e os passos do vindouro não se sabe... No vai-e-vêm das águas, que Santa Cibeles a proteja! Poderá, deverá se casar. Todavia, casamento é uma aposta no escuro, só depois da bênção das alianças rodam a roleta. Enquanto respirar meu mundo o detenho, entretanto quando transbordar meu rio.....

Testamento?... Bem, de certa forma delegou-me incumbência:

- Acaso não sendo incômodo, guarde minhas tralhas - foi o que me disse, naquela manhã, antes de sumir na multidão.

Durante a conversa, em dado momento me perguntou:

- O senhor está disposto a ouvir minhas lamúrias? -

- Lamúrias?... - indaguei para disfarçar o sofrimento estampado na aparência dele.

Corrigiu:

- Está bem, não é o termo adequado. Digamos, - pensou demorado - meus trabalhos, minhas pesquisas...

Acomodados nesta mesa, acho... é... exato. Tinguara sentado ali e eu aqui, meu canto resguardado para apreciar o João-de-barro. Agora, a casa está abandonada. Deve andar revoando a liberdade, mas quando chegar a época do acasalamento ele

retornará à companheira. Voltará. Sempre tem feito todos/os anos. Continuando o assunto, ele lia pausado, em pedaços, comentando e pedindo minha opinião. Daquilo que eu não sabia, conversa franca, buscava informes. Bem daqui dos sem-sem-sem começou:

- "Do Diapoque ao Chui, o índio é lembrado. Mania de brasileiro, que tem sua sensibilidade reservada somente para datas especiais. No Dia da Criança, a criança é exaltada e até os menores carentes são agraciados com um pouco de atenção. No Natal, por exemplo, todos irmanados, diante de uma árvore multicolorida e de uma mesa farta, sem falar de presentes caros, festejam o nascimento de Jesus. A Páscoa se aproxima e a sociedade de consumo, com seus tentáculos, não deixa ninguém esquecer a passagem da Ressurreição e empaturra as crianças com chocolates, balas e tantas guloseimas, muitas vezes de sabor e cor artificiais. Porém, no dia seguinte, tudo é esquecido. Os cartazes, com mensagens pré estabelecidas, galgadas no lugar-comum, são retirados. Enfim a hipocrisia continua."

Eu percebia o amargor da comunhão dos homens na leitura dele. Quando em quando volvia o olhar para a estrada e prosseguia:

- Seu Sebastião, desde que o branco chegou, trataram de exterminar os índios, porque o índio é ingênuo em relação às falcatruas do branco. O índio tem consciência dentro dos limites de sua cultura, hoje deturpada pelas várias formas de agressão.

A voz revela a alma. Eu lia no tom e na expressão dele um "canto de morte". Senti a cor da tristeza nalgumas palavras proferidas na língua da tribo:

- Nem Kambi acredita em Tupen. Trocaram o corón por alumínio. Os curumins não mais conhecem o póbéng, o craie, o keinhe e o rundiá.

Engoli meu pasmo ao ver o Homem de Sete Dedos retirar o lenço para secar uma lágrima.

Que penso?...Que acho?... Naquele momento o silêncio envolvera minha resposta. Tinguara prosseguiu:

- Mas, Sebastião do Araçá, minha preocupação maior é o que farão com eles quando da inundação de suas terras. O problema é grave, pois o governo e os responsáveis não resolvem nem a situação dos colonos, que apesar de tudo, são mais organizados do que os índios. As empresas responsáveis por esses projetos faraônicos não se preocupam à mínima com a questão social e cultural das comunidades envolvidas. É o progresso rotulado a qualquer preço. Os problemas são similares do norte ao sul. Os índios do norte...

Estancou a prosa. Coçando a fonte com o polegar minutava pensativo.

Numa tentativa para estimular seu desabafo, sugeri:

- Fale franco homem, aqui de ouvidos só tem eu!

- É... é difícil falar sobre coisas das quais não se tem certeza, mas ao senhor confidencio minhas dúvidas. Aliás, conforme alguns relatórios e depoimentos, há evidências, talvez remotas,... mas ante tantas barbáries tramadas contra as populações indígenas, acabo desconfiando que determinadas obras foram idealizadas mais com o objetivo de desestuturar essas comunidades do que implatar o tão propalado progresso. Talvez, um dia, estude o assunto.

Guardou os arquivos cuidadosamente.

Tentando reanimá-lo, virei as páginas do diálogo:

- E a Mirian?... Tenho um capado na encerra. Se for padrinho, amolo a carneadeira.

- Coisas do futuro, Sebastião do Araçá!...- desviou o

assunto com um sorriso.

Letra da pena dele?... Legível, livre existe. Escrevia com a caneta apoiada na unha do dedo mínimo pressionada com o polegar. Todavia, meu assombro não foi o fato de constatar que ele orientava a forma das letras movimentando apenas o minguinho, mas ao ver que a luz do sol da manhã refletia, nítido, no papel dois dedos apontados em forma de "V".

Só por curiosidade. Lembro-me do comentário de uma ex-aluna dele. Ela disse que Tinguara escrevia a história com o giz entre o médio e o anular.

Seus escritos estão espalhados por aí, até em anotações de notícias de jornal. Ah!... Aqui tem uma. Que eu leia?... Leio: "As igrejas de Amaru não mais serão queimadas; todavia os sinos das demais permanecerão calados pela ferrugem no lago dos tempos da injustiça."

É!... Desde então já passei sete primaveras sem avistar meu João-de-barro!...

" Assim é bonito!... Repartir a carne com a cadelinha. Coitadinha, toda molhada, ela também é gente!... Assim é bonito, sem pai, sem mãe, sem roubar. Assim é bonito!... Comer melancia na chuva em companhia de Nosso Senhor Jesus Cristo e Nossa Senhora Aparecida."

- XXV -

Ainda é cedo, falta um terço para fechar o ciclo das quatro luas. Assunte como quiser, mas não deixe de citar as últimas palavras que ele proferiu na despedida: " Sebastião do Aracá, Deus não está só na igreja, e se porventura estiver, nunca ficará só; haverá sempre um demônio por perto."

"Naquele seu ar de imutável ferocidade, a onça veio vindo e veio até que deu com o focinho nas botas. Ali a pintada parou subitamente, farejou o ar, cheiou o calçado, soltou o miado mais triste do mundo, caiu em terríveis e espasmódicas convulsões e... bateu as botas"

- XXVI -

Foi numa dessas andanças à cata de origens para o museu do C.T.G., que o tio do Helmuth encontrou na gaveta do baú uma carta que recebera do seu irmão mais velho, escrita em alemão. Lamentável!... A data e algumas palavras estavam corroídas pelas traças, mesmo assim, o Helmuth e eu, com a ajuda das lembranças do destinatário, tentamos uma tradução.

Hoje, ao lado da verdadeira, todos podem tomar conhecimento das teimas em desbravar.

" Vila de Cascalho, Distrito de Xapecó, dia dos Santos Reis, 19...

Prezado irmão:

Hoje pego na pena para dar notícias nossas. Por aqui estamos todos bem de saúde, graças a Deus e o mesmo espero que esta encontre vocês.

O Helmuth está com muita saudade do vovô e da vovó. A Ingrid também. Quase todas as noites ela fala neles. A Bertholina está grávida. Daqui cinco meses vai nascer um catarina.

Agora, a vida aqui começou a melhorar um pouco. No começo, muitas vezes, comemos polenta com leite sem sal e sem açúcar.

Tudo vinha de carroça ou cargueiro. Então quando dava

enchente, a gente passava necessidade. Agora já tem venda e moinho.

Caça tem a vontade. É só soltar a cachorrada para levantar a corrida. A gente mata paca, tatu, cutia, veado, anta e porco-do-mato. Ou então, a gente faz uma ceva com sal à beira d'água e se amoita à noite no girau com uma lanterna. Quando o bicho aparece é só focar, mirar e apertar o gatilho.

Mas, o pior, mesmo, são os porcos-do-mato. Eles surgem em vara de mais de quarenta, entre grandes e pequenos. Então, a gente tem que ficar trepado numa árvore para poder atirar. O ranger de dentes causa medo. No saleiro, durante o dia, vêm os nhambus e as pombas-carijó. Algumas são quase do tamanho de uma galinha.

A gente também pesca bastante. Tem peixes às pampas. Quando vocês vierem, a gente vai comer um dourado assado na brasa enrolado em folha de bananeira.

Se eu contasse vocês não iam acreditar, por isso mando um retrato da anta que estamos criando no chiqueiro. Pegamos no mato quando era bem pequena. Agora deve pesar mais de sessenta quilos.

No mês passado a gente se juntou com os vizinhos para matar uma onça-pintada. Tivemos que fazer isso, porque ela já havia comido dois bezerros da vizinhança e andava rondando por aqui.

Agora nós já temos um Pastor que vem dar culto aqui, uma vez a cada dois meses. Ele vem a cavalo. A paróquia quer comprar um jeep para ele, mas as comunidades são pequenas e os membros não possuem recursos.

A gente quer que vocês venham para cá. Aqui ainda vai ser lugar de muito futuro. Entre os feriados de fim de ano eu fui olhar umas terras em Humaitá, recém fizeram a medição. Fica uns vinte e cinco quilômetros daqui. Por enquanto, a estrada é muito

ruim. Só se pode ir a cavalo ou de carroça, mas já falaram que vai chegar um trator de uma empresa madeireira para abrir a estrada. Vai ser um bom negócio, pois só com a venda da madeira dá para pagar a terra. Eu mando junto um mapa e um folheto da Cia. Sul Brasil, onde o preço e as condições estão bem explicadas. A linha Humaitá ainda não está nesse mapa, então eu assinalei, mais ou menos, a localização.

Eu acho que vocês devem vender tudo e vir. Uma vez chegando aqui a gente dá um jeito. Se o pai e a mãe achar que em Humaitá é muito sertão, eles podem comprar uma chácara aqui nas redondezas de Cascalho. Mas, se dejarem vir dar uma olhada primeiro, seria bom. Então, o melhor meio é pegar o trem em Porto Alegre. Ele faz uma baldeação em Santa Maria Boca do Monte, depois vem até Santa Bárbara. De lá, tem uma jardineira até Barril. E dali tem outra que faz uma viagem por semana até aqui. Ou também, vocês podem ir até Casca. Lá tem outra companhia que vende terras no Oeste e eles organizam expedição de colonos interessados em vir para cá. Nesse caso, vocês devem ficar em Rio dos Ladrões e esperar a jardineira que faz o trajeto de Separação até Xapecó, também, uma vez por semana. Mas não precisam se preocupar, lá tem um albergue que recebe o pessoal. É só não ter pressa. Agora, não venham por Amaru por causa da bandidagem. Lá queimam tudo para roubar, até igreja.

No caso de querer trazer a mudança, a melhor época é no inverno para ir adiantando o serviço na roca, mas é bom vir logo no início, o quanto mais cedo melhor, por causa das chuvas. As estradas viram um lamaçal. Teve gente que levou mais de trinta dias para chegar.

E o Oscar, como está ele e a família? Acho que ele vai se arrepender por não ter ficado. Homem de pouca fibra, correu dos

borrachudos. Eu até disse que ele estava fugindo da sorte. Mas acho que foi mais influenciado pela mulher que vivia se lamentando de saudade. Acho que um dia ele vai voltar de novo, como já aconteceu com muitos.

Mas eu falei da caça e ia me esquecendo dos micos. É a pior praga que tem por aqui. Quando descobrem uma roça de milho é uma desgraça. Se ainda fosse carne boa para comer, quero dizer, os caboclos comem. Vomitei, um dia, quando vi um macaquinho salgado numa gamela. Parecia uma criança recém-nascida.

Eu vou finalizando por hoje. Dê lembranças para os nossos parentes. Abraços e muitas saudades da família e seu irmão.

Herrmann "

E o Herrmann tinha razão. Verdades dispensam comentários. Anos mais tarde seu Oscar retornou com a família.

“Lá fora, nas ondas enormes do rio Uruguai, balancavam cascas de madeira que o pessoal da redondeza colocou para procurar o local em que Carlos Culmey desapareceu. Uma velha superstição dos habitantes dizia que lá onde as cascas - chamadas de “panelas” - começassem a dançar, estaria o corpo do afogado.”

- XXVII -

No enterro do Helmuth, Cascalho parou no tempo e a multidão se uniu em torno do corpo. Até o Padre Atanáio prestou condolências. Enquanto dona Catharina, quedando na idade, revivia as desgraças dos maus agouros, Clara Lurdes abraçada aos dois filhos menores pranteava os desencantos da vida, repetindo:

- Ele não me ouviu!... Eu pedi para ele não ler aquele discurso na reunião dos colonos... Ele achava que ia salvar o mundo. E agora, ... eu e os meus filhos!...

A emoção aumentava quando se lia nos cartazes que muitos conduziam cabisbaixos:

“A VIDA DE UM HOMEM CEIFADA PELA SOMBRA DOS HOMENS”

O discurso?... Não era um discurso. Ele apenas leu um artigo. Aqui está. É, ... é este mesmo, assinado pelo Padre Natalício. Não há nada demais, diz apenas:

“Hoje a palavra barragem faz parte do brasileiro. Quem não ouviu falar da barragem de Itaipu, Tucuruí, Salto Santiago e centenas de outras por este País? Agora fala-se das barragens ao longo do Rio Uruguai.

Por séculos este rio deslizou tranqüilo e de repente é

colocado na roda dos debates. Trinta mil famílias de agricultores serão deslocadas por causa das barragens que serão construídas nas próximas décadas ao longo do seu percurso. São projetos hidrelétricos e de navegação fluvial anunciados pelas fontes governamentais.

As barragens projetadas pelo governo federal para a região do Alto Uruguai vão inundar 150 mil hectares de terra e desabrigar mais de 30 mil famílias de colonos. Até o momento há poucas informações oficiais sobre o início destas construções faraônicas e os agricultores que residem na região limítrofe destas futuras barragens ficam inseguros. Não há mais incentivo e entusiasmo para novas construções, novos investimentos nestas regiões, uma insegurança total e uma desconfiança maior. Não se sabe mais em quem acreditar. Sabe-se que em poucos anos tudo poderá ficar debaixo da água e os colonos que acompanharam a agonia dos agricultores de Itaipu, olham com ceticismo todas as promessas oficiais.

As terras do Rio Uruguai são as mais férteis do sul, alcançando o mais elevado índice de produtividade.

Ainda vai chegar o dia, quando a energia será nuclear e os homens descobrirem outros meios de energia, as comportas de Itaipu serão reabertas e Sete Quedas novamente voltará a ter sua natureza restaurada e então nos séculos futuros Itaipu passará a ser conhecida como foram conhecidas as pirâmides do Egito, fruto de sonhos faraós e produzidos por homens massacrados."

- Sim, pode levar. Tem outra cópia no arquivo.

"Fossem o que fossem, ex-trabalhadores da ferrovia ou ex-agregados das fazendas, bandidos foragidos da justiça ou pacatos lavradores e criadores, eram homens fortes, de brio, habituados tanto ao manejo da picareta, do laço como da faca. Desprezados, perseguidos, abandonados a própria sorte, passaram a odiar os usurpadores de terras, que não lhes permitiam um lugar ao sol."

- XXVIII -

- Sebastião, - Tinguara falava pensativo, vigiando o longe a cada instante - acho que consegui desvendar o enigma do seu sonho. Observe com atenção este mapa.

Em questão de segundos murmurei assustado:

- Parece uma cobra com duas cabeças!...

- Visível, não é?... Mas o senhor não relaciona com nada?

Olhei com mais cuidado e relatei o visto:

- Bem, uma cabeça é alegre, faceira, um tanto assanhada; a outra séria, rude, agressiva...

- Exato, Sebastião, isto está claro, mas o senhor não acha que isto significa ou representa alguma coisa?

Retornei a reolhar, mas minha imaginação não foi além daquilo que havia dito.

- Observe!... A posição das cabeças não lhe diz nada?

- Bem, o que vejo, - respondi - a sorridente está voltada para o Leste e a severa para o Oeste.

- Justamente, aí que está e interpreto a profecia. A

profecia, Sebastião, o seu sonho foi uma profecia. A mulher, a prostituta, nada mais é do que Amaru. Acompanhe meu raciocínio: Quando da construção das barragens, Amaru não será atingida, pelo contrário, será a grande beneficiada. A agressividade, voltada para o Oeste, é contra o povo. O que farão os colonos sem terras?... Serão, sem sombras de dúvidas, servos da exploração. E o sorriso voltado para o Leste, com os olhos faiscando de contentamento é o anúncio da propalada modernidade. Sebastião, não responda, por favor, apenas reflita: Quem constrói e quem usufrui da modernidade?...

Enquanto buscava uma resposta interior, refazendo meu sonho, falei:

- Acho que tudo faz sentido, mas o canoeiro?...

Não me respondeu, pois uma multidão: homens, mulheres e crianças se aproximavam engolindo a estrada empoeirada, cantando:

" Salve a virgem dessa 'Guerra Santa'

Em sua história o passado se levanta

Galopeando seu Cavalo

Num selim de montaria

O seu vestido era branco

E com a espada combatia. "

Ante a minha perplexidade, Tinguara levantou-se e apoiando a mão direita no meu ombro disse:

- Sebastião, meu velho. É chegada a minha hora. Tenho que andar. Não se preocupe com a Mirian, ela saberá cuidar daquele que há de vir.

"Se havia injustiça, finalizou, era por que os homens, na sua caminhada de ambição desenfreada e sem limites exploravam outros, se assenhoravam de bens necessários, buscando com isto firmarem suas bases em um poder falso e passageiro, enquanto outros irmãos viviam na penúria e na miséria. Por isto, ele, padre Galeno, achava justa a luta em Mariana e iria para lá."

(Célio de Moraes)

POR QUE E COMO FOI ORGANIZADO O ROMANCE

A presente dissertação optou substituir o campo da crítica pela elaboração de um texto ficcional por entender que os resultados de uma pesquisa universitária pode ser demonstrada tanto numa linha teórico-crítica, quanto numa abrangência de praticidade criativa, uma vez que, o campo crítico e o campo da criatividade não estão livres da interveniência pessoal de quem analisa um texto do outro, ou de quem produz seu próprio texto.

A produção do saber, finalidade primordial dos cursos de Pós-graduação, pode ser demonstrada e julgada através da criação de um texto literário, desde que possa servir como laboratório para concretizar as técnicas e teorias literárias analisadas no decorrer do curso.

A presente experiência não é inédita na Universidade Brasileira.

A Universidade Federal de Santa Catarina comparece com dois exemplos: Norberto Puntel obtém o grau de Mestre em Literatura Brasileira com a criação de um romance intitulado "Um Profeta sem Terra", em dezembro de 1980; e Valdemar Mazurana, em dezembro de 1987, com a dissertação "Miragens e Fantasias do Imigrante Italiano do Sul do Estado de Santa Catarina", obteve da mesma forma, o grau de Mestre em Literatura Brasileira.

Ainda, na mesma Universidade, o romance "Ponche Verde" do professor Janer Cristaldo, editado pela Editora Nórdica Ltda., em 1986, foi admitido pelo Departamento de Língua e Literatura Vernácula da Universidade Federal de Santa Catarina como resultado final de um Projeto de Pesquisa.

Fora do âmbito da UFSC, Vitor Tomelin, com "Pedagogia do Silêncio - O Tamanho do Medo", defendeu Dissertação de Mestrado

em educação na Universidade de Campinas, relatando suas experiências vivenciadas no contexto educacional de sua própria formação. Na apresentação do texto, após os métodos e sistemas escolares, Carlos Rodrigues Brandão afirma: "Entre o francamente pedagógico e as suas extensões ao social, a escola se revela às custas de ocultar a experiência real de seus sujeitos e a revelação de suas vidas, como uma narrativa útil. "A Pedagogia do Silêncio toma o caminho do oposto, não sem muito riscos é verdade. Aqui um trabalho originalmente escrito para ser defendido como dissertação de mestrado, logo submetido ao controle e ao temor da academia, a escrita da educação não é a análise, mas o depoimento". E, Rubem Alves, no prefácio da obra, publicada pela Papyrus/FURB, em 1986, aplaude o pedido do pretendente a dissertar sobre seu silêncio interior ante os pressupostos da vida educacional.

Esdras do Nascimento obteve o título de Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com o romance "Variante Gotemburgo", editado pela Nórdica em 1977. A apresentação do livro esclarece: "Com este, romance, acrescido de uma nota teórica para aprofundar seus estudos literários, o escritor Esdras do Nascimento obteve o título de Doutor em Letras, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É a primeira vez no Brasil, e talvez no mundo, que isso ocorre, pois em geral as teses visando ao doutoramento se limitam ao campo teórico, tangenciando, quando muito, a área da criação. Graças a largueza de visão da banca examinadora, formada pelos professores Afrânio Coutinho, Eduardo Portela, Emmanuel Carneiro Leão, Bela Josef e Mário Camarinha da Silva, o romance-tese foi aprovado, dado as suas implicações teóricas explícitas, abrindo novas perspectivas aos trabalhos literários que se vierem a fazer, ao nível de pós-

graduação no país".

Da mesma forma, Luiz Roncari, em 1988 defendeu com aprovação tese de doutoramento, sob o título " A Construção do Romance Satirico 'Rum para Rondônia' ", na Universidade de São Paulo, cujo trabalho obteve o primeiro prêmio no concurso literário promovido pela Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, sendo publicado recentemente pela Editora Siciliano.

O presente romance foi elaborado a partir de pesquisas bibliográficas de livros, revistas, jornais e entrevistas com pioneiros, elementos que se constituem de conhecimentos, caracterização de tipos, expressões lingüísticas, crenças, costumes e cenários que foram agrupados e utilizados na elaboração da "estórica". Como se trata de produção literária, estes elementos foram aproveitados com liberdade às possíveis reações que poderiam ser verificadas nas personagens de acordo com critérios literários. Cada personagem, embora agrupada no contexto, se insere numa situação histórica, que com suas próprias características provoca reação no grupo como um todo.

Tendo como pressupostos teóricos o plurilingüismo, os gêneros intercalados e a relação dos personagens com suas características, o texto se alimenta de traços lingüísticos e literários, correndo paralelo à dinâmica dos aspectos sócio-econômicos, recorendo à força do elemento mítico.

Como palco das atenções e área de performance, tem-se o rio Uruguai, que como fator preponderante à colonização serviu como via de acesso aos colonizadores, gerando o progresso e o conflito.

Foi referenciado, dentro de um tempo e um espaço, a questão madeireira, fundiária, comercial e industrial, evidenciando-se as as implicações sócio-culturais e as dificuldades do povo da

região, o sacrifício e o espírito de luta em desbravar, cujo sonho de prosperidade se frustra com a proposta das construções das barragens. O romance, também, pretende resgatar o universo circunscrito à geografia e à história que vem se perdendo gradativamente pela urbanização.

Os capítulos mantêm a unidade através da linguagem, a geografia, o tempo histórico e o narrador.

Embora alguns vocábulos marcadamente regionais possam causar uma primeira perturbação à compreensão do texto, não foi fixado um glosário, por entender que o contexto era capaz de proclamar o significado específico.

Para conservar a ambiência do romance, os autores dos epígrafes, as referências bibliográficas, citações e traduções não foram assinaladas neste primeiro momento, mas relacionadas na bibliografia na ordem em que aparecem nos capítulos.

Pretendeu-se através dos epígrafes, além de inseridos no contexto da obra, proporcionar uma rápida visão sociológica e ideológica dos poetas e escritores da região enfocada, bem como delegar uma pequena bibliografia.

BIBLIOGRAFIA DE SUPORTE

a - Geral:

AMORA, Antônio Soares. Teoria da Literatura. São Paulo, Ed. Clássico-científico, 1971.

ATAÍDE, Vicente. A Narrativa de Ficção. São Paulo/Rio, Ed. McGraw-Hill do Brasil Ltda, 1974.

BAKHTIN, Mikhail. Questões de Literatura e Estética (A teoria do romance) Editora UNESP/HUCITEC, São Paulo, 1988.

BARTHES, Roland. O Grau Zero de Escrita. São Paulo, Ed. Cultrix, 1974.

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. 7a. ed. São Paulo. Cia Ed. Nacional, 1985.

----- A Personagem de Ficção. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da USP. Boletim n. 284 Teoria e Literatura Comparada n. 2, 1964.

DONATO, Hernâni. Uma Poética de Mitologia. São Paulo, Ed. Cultrix, s.d.

DOURADO, Autran. Uma Poética do Romance. São Paulo, Perspectiva - MEC. 1973.

FORACCHI, Marialice Mencarini e Martins, José de Souza. Sociologia e Sociedade - Leituras de Introdução à Sociologia. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978.

FOSTER, E. M. Aspectos do Romance. Tradução de Maria Helena Martins. P. Alegre, Ed. Globo, 1969.

FURLAN, Oswaldo Antônio. Estética e Crítica Social em Incidente em Antares. Florianópolis, UFSC, 1977.

- HOHLFEDT, Antônio. A Literatura Catarinense em Busca da Identidade. P. Alegre, Movimento; Brasília: INL/Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.
- JUNKER, Buford. A Importância do Trabalho de Campo - Uma Introdução às Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Editora Lidor Ltda., 1960.
- MENDILOW, A. A. O Tempo e o Romance. P. Alegre, Ed. Globo, 1972.
- MOISES, Massaud. Dicionário de Termos Literários. São Paulo, Cultrix, 1978.
- PAZ, Otávio. Signos em Rotação. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- PERTTI, Peltó. Iniciação ao Estudo de Antropologia. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980.
- PINTO, L. A. Costa. Sociologia e Desenvolvimento. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.
- PORTELLA, Eduardo. Fundamento da Investigação Literária. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1981.
- SEGOLIN, Fernando. A Personagem e Anti-personagem. São Paulo, Cortez e Moraes Ltda., 1978.
- TODOROV, Tzvetan. As Estruturas da Narrativa. São Paulo, Perspectiva, 1979.

b - Específica:

- AMADO, Jorge. O Cavaleiro da Esperança: Vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro, Record, 1981.
- ANDRADE, Mário de. Macunaíma (O Herói sem nenhum caráter). São Paulo, Círculo do livro S/A, s. d.
- BELLANI, Eli Maria. Município de Chapecó: Legislação e Evidência 1917 - 1931. Chapecó, CEOM/FUNDESTE, 1989.

- ROITEUX, Lucas Alexandre. Primeira Página da Colonização Italiana em Santa Catarina. Florianópolis, IBGE - Departamento de Estatística e Publicidade; IDESC, 1939.
- BREVES, Wenceslao de Souza. O Chapeco que Conheci. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Florianópolis, 1985, No. 6, p. 7-73.
- CALLADO, Antônio. Sempre Viva. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
- CÂMARA, Lourival. Estrangeiros em Santa Catarina. Florianópolis, IBGE - Departamento de Estatística, 1940.
- CHAVES, Flávio Loureiro, Org. O Contador de Histórias. Porto Alegre / Rio de Janeiro, Editora Globo, 1984.
- CRISTALDO Janer. Ponche Verde. Rio de Janeiro, Nórdica, 1986.
- DALL'ALBA, João Leonir. Imigração Italiana em Santa Catarina - Documentário. Caxias do Sul, EDUCS; P. Alegre, EST; Florianópolis, Lunardelli, 1983.
- DERENGOSKI, Paulo Ramos. Os Rebeldes do Contestado. P. Alegre, Tchê, 1987.
- LAGO, Paulo Fernando. Geografia de Santa Catarina. Florianópolis, Edição do Autor, 1971.
- LOCATELLI, Claudino. O Município de Içumirim - Estudo Histórico e Político. Ed. Prefeitura Municipal de Ipumirim, 1985.
- MINETO, Maria Mercedes. Caxambu do Sul - Um Passado Lindo. Ed. Prefeitura Municipal de Caxambu do Sul, 1987.
- NASCIMENTO, Esdras do. Variante Gotemburgo. Rio de Janeiro, Editorial Nórdica Lta., 1976.
- PIAZZA, Walter F. A Colonização Italiana em Santa Catarina. Florianópolis, Governo do Estado de Santa Catarina, 1976.
- PICHETTI, Antônio. Municípios. In: História de Santa Catarina. Curitiba, Grafipar, 4 : 9-104. 1970.

PUNTEL, Norberto. Um Profeta sem Terra. Dissertação de Mestrado, UFSC, 1980.

ROSA, Guimarães. Grande Sertão: Veredas. São Paulo, Nova Fronteira, 1986.

SACHET, Celestino. A Literatura Catarinense. Florianópolis, Lunardelli, 1985.

----- Literatura. In: História de Santa Catarina. Curitiba, Grafipar, 3 : 9-42, 1970.

SASSI, Guido Wilmar. São Miguel. São Paulo, Boa Leitura, 1962.

SOARES, Doralécio. Folclore Brasileiro - Santa Catarina. MEC/FUNARTE, Rio de Janeiro, 1979.

SODRÉ, Nelson Werneck. A Coluna Prestes - Análise e Depoimentos. São Paulo, Círculo do Livro, s.d.

TELLES, Marcos. Vila Oeste, Porco Dip. S.M.Oeste, Ed. Autor, 1984.

THOMÉ, Nilson. Civilização Primitivas do Contestado. Imprensa Universal Ltda, Cacador, 1981.

----- A Ferrovia no Contestado. Cacador, Imprensa Universal Ltda., 1980.

- Jornais:

O Estado, 28/12/86.

Diário Catarinense, 03/10/89

Correio do Povo, 10/07/68.

Folha do Oeste, 26/08/67.

A Tribuna, 25/12/82

c - Epígrafes (em ordem numérica dos capítulos)

I - LOCATELLI, Nedi Terezinha. Rebentos. Florianópolis, 1988, AESC, p.20.

- II - DUTRA, Cãudio. Líquida Pétala. Porto União, Uniporto Gráfica e Editora Ltda., 1985, p. 41.
- III - PÁDUA, Neri Goncalves de. Bocejo Poético. Xanxerê, Gráfica Mércur Ltda., p. 17.
- IV - FURTADO, Joel Rogério. Memória Imerecisa. Florianópolis, FCC, 1983, p. 45.
- V - PILAR, João Batista de. Pantólogo Pensar. Palma Sola, Ed. Autor, 1991, p. 4.
- VI - HENTZ, Paulo. In: Apenas Versos. Quilombo, 1986, p. 16.
- VII - RÉGIS, Belisário. Fantasia da Paz. Joinvile, Gráfica e Ed. Manchester Ltda., 1986, p. 56.
- VIII - ROANI, Inês. Passos Lentos. Passo Fundo, Ed. Berthier, 1986, p. 65.
- IX - VARELA, José Jaime. Céu em Miniatura. Concórdia, Ed. do Autor, 1986, p. 32.
- X - LENZI, Zuleica Mussi. O Kerb em Santa Catarina. Florianópolis, Ed. UFSC, Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado, 1986, p. 24.
- XI - KERBER, Valter, J. O Último Homem do Mundo à Procura de Eva. Planalto, Lume Editora, 1977, p. 11.
- XII - CAVANUS, Miguel. Ave Noturna. Concórdia, Ed. do Autor, 1984, p. 46.
- XII - COSTA, Silvério Ribeiro. In: Enguanto Houver voz Cantaremos. São Paulo, João Escortega Editora, 1990 p. 46.
- XIV - BISOLO, Derceli M. Minha voz em Poesia. Seara, Ed. da Autora, 1985, p. 44.
- XV - GRISA, Pedro A. Perspectivas Poéticas. Curitiba, G.E. VEJA, 1982, p. 16.

- XVI - BOHRER, Silmar. Em Tempo - Edição Cultural, nr. 12, Vila Deste, 1986, p. 22
- XVII - ORO, Eliseu. Amores e Dissabores. Descanso, Ed. do Autor, 1988, P. 23.
- XVIII - SILVA, Elino da. Casca Humana. Passo Fundo, Ed. P. Berthier, 1982, p. 26.
- XIX - FREITAS, Flávio. Apenas Versos. Quilombo, Mimiografado, 1986, p. 61.
- XX - SCHIAVANI, Rosani Aparecida. Liberdade de Pensamentos. Itá, ed. da Autora, 1987, p. 41.
- XXI - TELLES, Marcos. Em Tempo Edição Cultural, nr. 11, 1985, p. 14.
- XXII - BORTOLINI, Ramiro. Duas Ilhas. Irês Sobreviventes. Curitiba, Gráfica Vicentina Ltda. s.d., p. 71.
- XXIII - RUSSOWSKI, Miguel. O Julgamento de Tiradentes. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1980, p. 26.
- XXIV - GRÜM, Carlos. In: Em Tempo - Edição Cultural, nr. 5, 1986, p. 3.
- XXV - ELIAS (mendigo-filósofo)
- XXVI - TASCA, Antônio Nelson. Expedição ao Mato Grosso. Chapecó, Antares Editora, s.d., p. 21.
- XXVII - CULMEY, Tutz & Knorr, Elga. A Filha do Pioneiro. São Carlos, Ed. da Prefeitura Municipal de São Carlos, 1987, p. 81.
- XXVIII - TOMÉ, Nilson. Trem de Ferro, A Ferrovia do Contestado. Cacador, Imprensa Universal Ltda., 1980, p. 124.

Pág. 6. TELLES, Nadir. História em versos do crime de
Chapeçó. Folhetim, s.d.

- Pág. 11. POLETTI, Isaura G. Italianos em Joacaba. Tese,
UFSC, 1980, P.283.

- Pág. 69. ALBERTO NETO, Augusto. Elegia ao Rio. In: Reflexões
e Devaneios. São Miguel do Oeste, Ed. do Autor,
p. 42.

I - Pág. 73. - Você não pode fazer isso com sua mãe e sua
família. Onde já se viu casar com uma católica
italiana. Você esqueceu que era para ser um
pastor?... Acho que foi ela quem virou sua
cabeça para deixar o seminário. Eu não vou
permitir nunca esse casamento. Você quer matar
a sua mãe de desgosto?... É isso que você
quer?... Responda?... Se quiser casar pode, mas
só por cima do meu velório.

Pág. 75. Bebe irmãozinho bebe
Deixe as preocupações em casa
Bebe irmãozinho bebe.

- Pág. 89. Se tu bebes - tu morres
Se tu não bebes
Morrerás também
Então vamos beber.

- Pág. 96. Jornal O Celeiro, 19/04/84, p. 12.

I - Pág. 104. Pe. Natalício José Weschenfelder, Artigo
mimiografado.

II - Pág. 107. Vicente Telles, Jornal O Estado, 29/06/80, p.
17.